

# PUC

NEIDE PASSOS DE FREITAS AL-CICI

DESENVOLVIMENTO E MATURIDADE

EM BUSCA DE UM MODELO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Departamento de Psicologia

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Av. Marquês de São Vicente, 225 - CEP 22453

Rio de Janeiro — Brasil

**N.Cham. 150 A352 TESE UC**

**Título Desenvolvimento e maturidade em busca de um modelo**



Ex.2 PUCH

0114188

BC - PUC

DOAÇÃO

NEIDE PASSOS DE FREITAS AL-CICI

DESENVOLVIMENTO E MATURIDADE

EM BUSCA DE UM MODELO

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientador: Monique Augras

Departamento de Psicologia  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro, 30 de Julho de 1981

104



114188

150

A 352

TR. S. U.

UC - 2339-1

"Começa a infelicidade do gênero humano quando se identifica o cientificamente conhecido ao próprio ser e se considera não existente tudo quanto foge a essa forma de conhecimento. A ciência dá então lugar à superstição da ciência..."

KARL JASPERS

A Gabriela e Felipe

...tanto por crescer, tanto  
por conhecer, e quase tudo  
por descobrir num mundo de  
muitas verdades.

Meus agradecimentos

À Professora Monique Augras, a fecunda orientação que norteou este trabalho.

Ao Professor Charles Esberard, o apoio e a compreensão em momentos de dúvida.

A meus pais e a Jamil, o estímulo e a presença incansável.

À France, a datilografia cuidadosa e a atenção amiga.

## RESUMO

Os principais modelos de estudo do Desenvolvimento Humano e da Maturidade são analisados em seus fundamentos e avaliados na sua capacidade de descrever o processo na sua complexidade. A natureza sistêmica do Homem é enfatizada, e desta noção, decorre a afirmação da impossibilidade de pensar-se a maturidade em termos de equilíbrio — esta noção representaria uma forma aristotélica de pensar o desenvolvimento. As teses de Werner, Piaget, e Wallon são apresentadas como direções complementares e potencialmente válidas para explicar as mudanças do indivíduo humano como sistema bio-psico-cultural. De Werner é ressaltado o valor taxionômico de suas afirmações, de Piaget a clareza da descrição dos estágios da Inteligência, e de Wallon a afirmativa da natureza dialética do ser e do desenvolvimento: este comportaria a crise, o conflito, e se caracterizaria pela descontinuidade.

## ABSTRACT

The principal models used in the study of the Human Development and Maturity are analysed in their fundamentals and appraised in their capacity to describe the process in its complexity. The systemic nature of Man is emphasized, and from that notion, comes the assertion of the impossibility of thinking Maturity in term of equilibrium — this assertion represent an aristhotelic way of thinking. The thesis of Werner, Piaget and Wallon are presented as complementary directions and potentially valid to explain the change of men, as a bio-psycho-cultural system. From Werner's theory is focused the taxionomic value of his assertions, from Piaget's, the clarity of his descriptions of the stages of Intelligence, and from Wallon's the assertion of the dialectic nature of being and development: it would comprise the crisis, the conflict, the continuous change, and would be characterized by discontinuity.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
1 - IMPLICAÇÕES HISTÓRICAS NAS MODERNAS CONCEPÇÕES DE DESENVOLVIMENTO.....	4
1.1 - Desenvolvimento e Determinantes.....	4
1.2 - Bases Biológicas das Principais Tendências no Estudo do Desenvolvimento Humano.....	7
1.3 - Os Modelos de Prê-formação.....	10
1.4 - Modelos Predeterministas.....	13
1.4.1 - Stanley Hall e a Teoria da Recapitulação	14
1.4.2 - Gesell e a Teoria da Maturação.....	16
1.5 - O Desenvolvimento a Partir de uma "Tábula Rasa".	18
1.5.1 - Behaviorismo e Desenvolvimento.....	18
1.5.2 - Desenvolvimento e Determinação Cultural.	20
1.6 - Desenvolvimento e História de Vida.....	21
2 - CONTRIBUIÇÃO DE UMA ABORDAGEM SISTÊMICA PARA A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO.....	24
2.1 - A Noção do Sistema.....	24
2.2 - Sobre Sistema, Homens e Máquinas.....	29
2.3 - Organismos Vivos - Sistemas Complexos.....	31
2.4 - Organismo Bio-cultural - Sistema Hipercomplexo.	33
2.5 - Hipercomplexidade - Indeterminação.....	34
2.6 - Sistemas em Desenvolvimento.....	37
3 - O DESENVOLVIMENTO HUMANO DE UM PONTO DE VISTA SISTÊMICO.....	43
3.1 - Da Necessidade de uma Imagem.....	43
3.2 - Para um Modelo.....	43
3.3 - Um Modelo Verbal.....	45
3.4 - Sobre a Noção de Organismo.....	46
3.5 - Um Modelo do Ser.....	47
3.6 - A Tese Ortogenética de Werner.....	49

3.7 - A Tese da Equilíbrio.....	55
3.7.1 - Auto - Regulação e Equilíbrio.....	56
3.7.2 - Desequilíbrio e Desenvolvimento.....	58
3.7.3 - O Equilíbrio nas Estruturas Lógico-mate- mática.....	59
3.8 - A Psicologia Genética de Henri Wallon.....	60
3.8.1 - Desenvolvimento e Oposições.....	61
3.8.2 - O Real e o Conhecimento.....	63
3.8.3 - Do Movimento à Autoconsciência.....	64
4 - DESENVOLVIMENTO E MATURIDADE.....	69
4.1 - Idade Adulta e Mudança.....	69
4.2 - Psicanálise e Maturidade - O Modelo Freudiano...	71
4.3 - Maturidade e Conflito Psicossocial - O Modelo de Erikson.....	73
4.4 - Maturidade e Conflito Intrapsíquico - Otto Rank e Rollo May.....	75
4.5 - O Modelo Humanista de Rogers - Maturidade e Auto -realização.....	78
4.6 - O Modelo Bio-social de Maslow.....	80
4.7 - A Maturidade por Gordon Allport.....	82
CONCLUSÃO.....	87
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	92

## INTRODUÇÃO

O objetivo primordial deste trabalho é avaliar a eficiência dos principais modelos de explicação do Desenvolvimento Humano, especialmente no que se referem à idéia de Maturidade.

Ao contrário do que se pode observar com relação ao estudo das mudanças que ocorrem durante a Infância e a Adolescência, poucas referências são feitas às mudanças que sofre um indivíduo humano na Idade Adulta e na Velhice. Mais recentemente, pode-se observar o despertar de certo interesse para os problemas da senectude, com certa ênfase, entretanto, sobre as mudanças fisiológicas que acarretam "uma perda de potencialidades" em geral, mais do que sobre uma pessoa em mudança, num universo em mudança, marcado por restrições que se impõem ao indivíduo.

A ênfase sobre a necessidade de utilização de métodos objetivos e quantificação tem determinado uma compartimentação em diversas áreas de estudo da Psicologia, e o campo do desenvolvimento não foge a esta regra: os manuais e as revistas especializadas representam séries de relatos de observação e experimentação de fenômenos isolados como "agressão", "desenvolvimento moral", "identificação sexual", "comportamento cooperativo", entre outros, muitas vezes sem a ressalva das limitações de seus resultados, impostas pelos seus próprios meios de investigação, assim como da necessidade de procurar-se compreender tais fenômenos num todo integrado que são o indivíduo e seu mundo, ambos em transformação. Mesmo os currículos dos cursos de Psicologia das universidades brasileiras, em sua maior parte, sequer incluem o estudo do indivíduo adulto e da velhice nos tópicos do desenvolvimento.

A infância, a adolescência e, mais recentemente, a velhice, os estágios a que se têm destinado, principalmente, as pesquisas

do desenvolvimento, constituem etapas marcadas por alterações físicas acentuadas, enquanto que no estágio adulto, parece acontecer uma integração e estabilização das funções biológicas e do crescimento: Até que ponto a ênfase sobre o estudo da criança, do adolescente e do idoso representa uma redução, um esforço da Psicologia do Desenvolvimento, atendo-se ao objetivo, às mudanças fisiológicas, para tornar-se científica? Quanto esta redução é eficiente se trata, o seu estudo, de um indivíduo caracterizado por funções psicológicas únicas, que fazem o seu existir uma modalidade única entre os demais seres vivos? E, finalmente, até onde podemos sustentar ser a idade adulta e o tempo da maturidade de um indivíduo um período de estabilização, de "equilíbrio"?

As abordagens de um objeto de estudo como este apresentam um conjunto de possibilidades muito extenso: desde aquelas que procuram enfatizar ou mesmo reduzir o estudo a um modelo fisiológico, o mais comum neste campo, àquelas que consideram um indivíduo como que exclusivamente psicológico, desvinculado de sua condição de organismo também biológico e social e, finalmente, àquelas que concebem um ser bio-cultural, com ênfase sobre o último aspecto, ignorando suas capacidades de autoconsciência e produção-reprodução de cultura. Infelizmente, seu tratamento tem se dado de forma unilateral.

Diante desta perspectiva, o estudo do desenvolvimento humano, como todo estudo de fenômenos humanos, se oferece a um estudo interdisciplinar, e é urgente a necessidade de rever pressupostos, técnicas e modos de estudo para que se crie um verdadeiro estudo do Homem. Sobre o indivíduo adulto, particularmente, quase tudo precisa ser feito. Ignorado no campo específico do estudo do desenvolvimento, idealizado como portador do funcionamen

to ideal das diferentes modalidades de estrutura e dinâmica da personalidade, carece de compreensão como ser complexo, bio-psico-cultural, que interage num horizonte largo da sociedade e de suas instituições e que sofre e realiza mudanças mais que para sobreviver, mas, sobretudo, para poder "ser".

As dificuldades e críticas comuns a uma posição eclética e às tentativas de compreensão interdisciplinar não devem deter uma atitude mais coerente com relação a esta concepção. E, somente a observação do ser dado em seu mundo, a compreensão de seu potencial e o afastamento das reduções e das idealizações podem assegurar um progresso para a ciência do desenvolvimento e a eficiência de suas formulações.

" O homem é possibilidade aberta, não terminado e não terminável. Por isso é sempre também mais e outra coisa do que tenha realizado de si". (Jaspers, 1973, p. 871)

## CAPITULO I

### IMPLICAÇÕES HISTÓRICAS NAS MODERNAS CONCEPÇÕES DE DESENVOLVIMENTO

#### 1.1 - Desenvolvimento e Determinismo

O objeto de estudo da Psicologia do Desenvolvimento é o complexo processo de mudança por que passa um indivíduo no seu tempo de vida. A palavra desenvolvimento, entretanto, é comumente empregada com diversos sentidos: por vezes tem a conotação de um processo, e, com frequência, também representa o produto de um processo de evolução. Desta forma, ora explica e descreve diversas formas de mudança, ora constitui como que a qualidade ou classificação positiva de um traço resultante de uma mudança.

No presente trabalho, a palavra desenvolvimento tem o sentido de descrever um processo temporal, mais que seu produto, e simboliza uma dinâmica multidimensional de mudanças cumulativas e irreversíveis, que acarretam em maior complexidade estrutural e funcional de uma organização. Não inclui, em essência, as partes componentes da organização que se caracterizam por alterações cíclicas e repetitivas, mas comporta seus efeitos no funcionamento de organização como um todo integrado.

Desta forma, como em grande parte dos escritos de Psicologia, o processo aqui descrito tem íntima relação com a idéia de teleologia: nenhuma mudança, entre as inúmeras que realiza um indivíduo no seu tempo de vida, é comumente considerada desenvolvimento senão quando acarreta em especialização do atual ou no surgimento de novas propriedades estruturais e(ou) funcionais.

Também significativa para este estudo é a relação desenvolvimento-complexidade, onde a evolução histórica de um orga-

nismo acarreta maior capacidade de auto-regulação e uma maior independência das alterações e flutuações ambientais. Esta posição representa a idéia central de embriologistas e evolucionistas: para estes, a diferenciação progressiva das organizações auto-reguladoras constituem, basicamente, a dinâmica de todo desenvolvimento.

Parece, assim, que dois componentes essenciais norteiam a compreensão do processo em foco: a noção de que os organismos vivos possuem uma estrutura definida e um conjunto definido de capacidades pré-existentes, por emergir; e a noção de um conjunto de alterações, em sequência definida, que acarreta em mudanças relativamente estáveis na estrutura dinâmica de um organismo. Estas noções conduzem à idéia de determinação, tão frequente na explicação de processos a longo prazo como o desenvolvimento humano.

O fator determinante de uma evolução expressa o componente que explica e relaciona as diversas mudanças e os diversos produtos das mudanças que ocorrem no tempo de vida de um indivíduo, com a sua capacidade estrutural e funcional antecedente, ou com suas capacidades latentes.

Para Driesch "nenhum estado e nenhum evento da natureza ocorrem sem uma razão suficiente para serem tal com são, a tal lugar e tempo" de forma que a explicação determinista subentende, obrigatoriamente, uma "determinação unívoca de ser e tornar-se." (op. cit. Nagel, 1967, p. 18)

Expressão acentuada de um pensamento determinista, a doutrina da pré-formação para explicação do desenvolvimento afirma que a igualdade inicial das partes orgânicas que vêm a se diferenciar ao longo do tempo é somente aparente, e contrária

as revelações das pesquisas físico-químicas sobre a sua constituição íntima: o que constituiria diferenciação espontânea ou sob determinação ambiental não é mais que alteração quantitativa em estruturas e funções já diversificadas, originalmente.

Concepção oposta a uma predeterminação no desenvolvimento a explicação ambientalista-empirista ressalta o caráter vitalista desta doutrina, uma vez que está baseada na operação de fatores irredutíveis ao universo físico-químico e à verificação empírica. Deste ponto de vista, o desenvolvimento humano constitui um processo atual e reativo e a sua capacidade auto-reguladora e mesmo os sistemas biológicos mais sofisticados podem ser compreendidos conforme princípios mecanicistas.

As abordagens orgânicas do comportamento e do desenvolvimento, entretanto, sustentam o caráter integrado e auto-regulador dos organismos vivos e a manifestação de traços diversos, alguns mesmo novos, em diferentes níveis da organização e diferenciação de um sistema. Estes estariam também sujeitos aos efeitos da interrelação organismo-ambiente.

Sua lógica da vida corresponde à da mudança na direção da complexidade crescente, o que resulta numa impossibilidade de compreender-se o desenvolvimento como um processo aditivo, redutível à compreensão de pequenas evoluções isoladas quer no tempo, quer no conjunto estrutural.

Observado o caráter cíclico e reversível de muitos traços e funções na dinâmica dos organismos vivos, constitui um erro fundamental afirmar que as explicações mecanicistas invariavelmente contrariam um funcionamento biológico - organizações complexas, os organismos biológicos interagem num ambiente instável e complexo, são por natureza adaptativos e auto-reguladores,



e com seu meio constituem uma organização maior, mais complexa.

O conhecimento atual dos processos característicos destes organismos não comprova, contudo, que o concebido como novo, produto de um processo de mudança, deva ser sempre explicado por uma teoria mecanicista. Tampouco não oferece razões para supor que a construção de uma teoria única possa dar conta da explicação de todos os traços que possam ser manifestados na história de uma organização viva complexa, em interação com seu ambiente.

## 1.2 - Bases biológicas das principais tendências no estudo do Desenvolvimento Humano.

As principais correntes em Psicologia do Desenvolvimento refletem, de certo modo, os fundamentos filosóficos e as contribuições teóricas de diferentes etapas e campos do conhecimento científico, assim como uma interinfluência no desenvolvimento do conhecimento que nos permite mesmo caracterizar estágios desta evolução. Por outro lado, refletem um esforço da Psicologia para tornar-se científica e a importação de modelos e pressupostos das ciências físicas e biológicas para garantia do sucesso deste esforço.

As posições preformacionistas e predeterministas, apresentadas a seguir representam a influência de noções originadas da pesquisa biológica especialmente da Teoria da Evolução de Darwin (1859), das leis genéticas de Mendel (1900) e da noção de Recapitulação Filogenética de Haeckel (1886). (Ausubel, 1971).

A evolução de uma espécie biológica, segundo Darwin, decorria do desenvolvimento gradual e cumulativo de mudanças realizadas pelos organismos para garantia de sua sobrevivência e

adaptação a seu ambiente imediato. Pequenas variações, ao longo de extensos períodos de tempo, eficientes sob um processo de "seleção natural" e transmitidas geneticamente aos novos organismos por seus ancestrais, explicariam a evolução das diferentes espécies. A ação do ambiente era, assim, indireta, uma vez que não determinava por si mesma as mudanças nas organizações ou em seu comportamento: os mecanismos reguladores da evolução residiam em fatores endógenos herdados, mais que no próprio ambiente imediato.

Assim, a experiência individual não possuía o poder de determinação da filogenia e, segundo Darwin, em espécies superiores, e especialmente no indivíduo humano, a capacidade de aprendizagem e a flexibilidade do comportamento sob influência da Cultura deveriam constituir atenuantes desta lei.

As teorias predeterministas do comportamento e do desenvolvimento humano, de certa forma, assentam-se sobre uma má interpretação da proposta evolucionista e reduzem toda determinação da evolução humana a fatores bio-genéticos. Sob a mesma influência, os estudos baseados na idéia de pré-formação estão fundamentados em analogias entre o comportamento e o desenvolvimento do homem, como se apresentam no século XX, e um conjunto de instintos comuns aos animais, de modo geral, ou com a própria evolução da espécie.

As descobertas de Mendel acerca das bases físicas da hereditariedade constituíram outra grande influência sobre estas doutrinas. A afirmação de uma natureza estável e auto-reprodutora dos gens, aparentemente à parte de toda influência ambiental, fortaleceu significativamente as idéias de pré-formação e predeterminação.

Pesquisas posteriores, entretanto, demonstraram que o fenótipo de um organismo constitui mais que um arranjo de fatores genéticos independentes, mas uma complexa interação intergens e entre material genético e ambiente externo. As evidências que apresentam não implicam na concepção de que fatores ambientais possam alterar o código genético, mas já compreendem a relação ambiente-herança genética, para diferentes estruturas e funções, pode ser independente, aditiva ou complementar.

Também os resultados das pesquisas sobre a evolução embriológica influenciaram e sustentaram as afirmações pré-formationistas e pré-deterministas. As evidências de que a sequência da diferenciação do embrião era invariável e estava sob controle de fatores endógenos constituiu um dos fundamentos da teoria de Gesell (1933). Nesta teoria a maturação era considerada o componente intrínseco do desenvolvimento, mediado pelos gens, e determinaria a ordem de aparecimento das tendências evolutivas e das ações características em diferentes idades.

Descobertas mais recentes têm demonstrado, contudo, que o ambiente intra-uterino não é de todo neutro no desenvolvimento do embrião (Ausubel, 1971). Variações causadas por alterações bio-químicas relacionadas à idade da mãe e à rubéola provocariam anormalidade no feto (David e Snyder, 1951) e que o desenvolvimento do tecido nervoso é afetado por diferentes concentrações de biocatalizadores e alterações nos níveis de hormônios e metabolitos na corrente sanguínea do embrião, causadas por estimulação externa, e comunicadas ao organismo em desenvolvimento in utero (Carmichael 1954, McGraw 1946).

Todo desenvolvimento do conhecimento de embriologia, genética e antropologia nos assegura, hoje, a importância da inter-

relação indivíduo-meio, e suporta as modernas concepções de que a complexidade do meio externo, particularmente do meio bio-cultural humano, não pode ser negligenciada na explicação da evolução da espécie e do indivíduo.

### 1.3 - Os Modelos de Pré-Formação

Um ponto de vista pré-formacionista em Psicologia nega uma dinâmica de diferenciação qualitativa crescente como qualidade fundamental do processo de desenvolvimento, e presume que as propriedades e capacidades próprias de um indivíduo existem, pré-formadas desde seu nascimento ou de sua concepção. Nenhum progresso se deve a interação organismo-meio ambiente e as alterações qualitativas observadas no seu tempo de vida constituem efeitos da idade crescente ou revelam, simplesmente, produtos de uma escala pré-arranjada.

Para Ausubel, as origens desta modalidade de explicação estão, por um lado, "obviamente relacionadas às concepções teológicas da criação instantânea do homem e à crença difundida na natureza inata da personalidade do indivíduo e senso de identidade única como pessoa" e, por outro, a disposição para perceber a criança como uma miniatura do adulto constitui "um produto da tendência para extrapolação e antropomorfismo na interpretação de fenômenos remotos da própria experiência ou modelos explanatórios familiares". (1971, p. 13)

No campo da embriologia pré-científica, a teoria homúncular da reprodução e gestação humanas representa um exemplo curioso e rico da idéia de pré- formação. Acreditava-se que existia um homúnculo incorporado ao esperma humano, que, quando implantado no útero, não sofria mais que um processo de crescimento em

tamanho, sem qualquer diferenciação estrutural ou funcional, até alcançar, ao final de nove meses, o tamanho adequado para nascer.

Entre as teorias psicológicas do desenvolvimento humano, constituem expressões modernas e não menos extremas desta tendência as noções psicanalíticas do "trauma do nascimento" (Freud, 1936, Rank, 1939) protótipo de toda ansiedade adulta, e a da equivalência qualitativa das sexualidades adulta e infantil (Freud, 1935).

Expressão mesmo de "idéias inatas", já tão vigorosamente combatidas por Locke (1632-1704), as noções de "Inconsciente Coletivo" (Jung, 1928) e de seu análogo, "Inconsciente Filogenético" (Freud, 1935) representam uma postura preformacionista. Para Jung, idéias como as de imortalidade, onipotência, macho-fêmea, pai-mãe, dotadas de "poderes sugestivos", estariam na constituição essencial da camada coletiva do inconsciente humano. Da mesma forma, no inconsciente primordial de Freud, anteriores a toda experiência individual atual, estariam incluídas as fantasias e os mecanismos de resolução do "Complexo de Édipo".

" Em nossa mente nada há de transitório, pois os processos psicológicos e fisiológicos dos homens que viveram há centenas de milhares de anos continuam dando nos o sentimento íntimo e profundo de continuidade "eterna" do que é vivo." (Jung, 1978, p. 68)

Sobre a herança de comportamentos, propriamente, a idéia de drives ou instintos inatos aparecem nos trabalhos de McDougall (1914) Thorndike (1919). Estes autores se aplicaram mesmo à construção de listas de impulsos não aprendidos e padronizados por espécie, e de respostas organizadas que se revelariam espontaneamente ao longo do desenvolvimento ou seriam detonadas por certas

condições ambientais apropriadas. Assim eram considerados o instinto maternal da mulher, o impulso belicoso do homem e o instinto gregário, entre outros. Watson (1914) objetou tanto a natureza mentalista de instintos quanto a afirmação de comportamentos inatos, e as posições behavioristas desenvolvidas a partir de 1920 privilegiaram a posição ambientalista e a possibilidade ilimitada do homem, sob a modelação do ambiente (Milhollan e Forisha, 1972).

Paralelamente ao florescimento das teorias behavioristas, especialmente em centros de estudos americanos e ingleses, a tendência para explicação instintivista e preformacionista dos determinantes da conduta e do desenvolvimento ganhou força nas concepções psicanalíticas de libido e desenvolvimento psicosssexual.

" O alvo sexual do instinto - infantil consiste em obter satisfação através de uma estimulação apropriada da zona erógena que foi selecionada de uma maneira ou de outra. Esta satisfação deve ter sido experimentada de modo a deixar atrás de si uma necessidade de sua repetição; e podemos esperar que a Natureza terá feito provisões seguras de modo que esta experiência de satisfação não de verá ser deixada ao acaso. (Freud 1975, p. 184)

A Psicanálise explica a natureza dos impulsos primordiais de conduta como manifestações de uma libido inata e independente de estimulação interna e externa, localizada na camada mais primitiva e profunda da personalidade, o Id. Do contato desta libido, dos "instintos" e "desejos", com a realidade física e a moral social se formariam duas outras camadas da personalidade, Ego e Superego, responsáveis pela adaptação do indivíduo ao real e pela redução da ansiedade resultante do conflito libido-realidade.

Sobre a interação libido-cultura no desenvolvimento da identidade pessoal, Erikson afirma:

" Conquanto essa interação varie de cultura para cultura, ela deve manter-se "no ritmo apropriado e na sequência desejada" que governa toda epigênese. Portanto, pode-se dizer que a personalidade se desenvolve de acordo com uma escala predeterminada na prontidão do organismo humano para ser impelido na direção de um círculo cada vez mais amplo de indivíduos" (1968, p.92)

Estas suposições não refletem mais que uma concessão à demanda do ambiente no curso do desenvolvimento, no sentido de poder este constituir um agente modificador ou acentuador do preformado.

#### 1.4 - Modelos Predeterministas

Caracteriza uma abordagem predeterminista do desenvolvimento a afirmação de que este constitui essencialmente uma sequência de estágios sucessivos, produto de um processo de diferenciação e evolução estrutural. Difere assim, da concepção anterior, onde os estágios não constituem mais que efeitos da revelação de estruturas e funções preformadas na concepção ou no nascimento.

A regulação do processo está determinada pela própria natureza do organismo, o que de certa forma aproxima os pontos de vista de preformação e da predeterminação. A interação com o ambiente e sua influência no processo de diferenciação não são suficientemente levados em conta e seu papel pode constituir o de mero limitador ou modelador de efeitos já determinados.

O pensamento de Rousseau (1712-1778) constitui um marco i

naugural da doutrina da predeterminação no desenvolvimento. Sua teoria postulava a evolução de um indivíduo como uma sequência de estágios, cujas transformações em conformidade com um programa ou código preestruturado, eram regulados internamente: a função ideal do ambiente seria, então, a de evitar a interveniência de fatores estranhos e desnecessários ao programa de maturação espontânea.

Esta concepção de desenvolvimento exerceu profunda influência sobre o pensamento e a prática educacional de sua época, e, de certa forma, aparece continuada nos modernos movimentos de Psicologia que defendem práticas educacionais e terapêuticas não-diretivas e centradas na pessoa.

#### 1.4.1. - Stanley Hall e a Teoria da Recapitulação

Para Stanley Hall (1909), a recapitulação do desenvolvimento filogenético constituiria a explicação objetiva e científica do desenvolvimento e do comportamento humanos. Sua tese chega mesmo a constituir uma ramificação da Teoria da Evolução Biológica de Darwin.

Hall afirmava que o processo do desenvolvimento estava submetido a fatores fisiológicos, geneticamente determinados que internos ao organismo exerciam o controle e a direção dos processos de crescimento e desenvolvimento, assim como do comportamento: estes obedeceriam a um padrão imutável, inevitável e universal, apesar das diferenças ambientais.

A lei da recapitulação assegurava que o indivíduo, no curso do desenvolvimento, passaria por idades ou estágios correspondentes àqueles que caracterizaram a história da humanidade e as características essenciais de determinado estágio repetiriam



os padrões de organização e comportamento de determinada etapa da filogênese humana.

Assim, aos estágios "Primeira Infância", "Infância", "Juventude" e "Adolescência" corresponderia uma evolução que reviveria, inicialmente, a fase animal do homem, sua postura e locomoção quadrúpede e um desenvolvimento sensório-motor necessário à auto-preservação: no segundo estágio (4 a 8 anos) observar-se-ia um interesse por brincadeiras de aventuras, uso de armas de brinquedos, construção de cabanas, presumivelmente correspondentes à etapa da evolução humana em que predominaram a caça e a pesca e já se teria desenvolvido alguma tecnologia cinegética e arquitetônica; à "juventude" de Hall (8 a 12 anos) corresponderia a revivência da "monotonia dos selvagens" e uma grande disposição para agir e exercitar-se caracterizaria o desenvolvimento individual; à etapa caracterizada como "adolescência" se estenderia desde a puberdade até a idade adulta (12-25 anos) e representaria uma etapa da filogênese marcada por um período de transição, turbulência e renascimento condições para o nascimento de características mais elevadas e plenamente humanas (1916, p. XIII, op. cit. Muss, 1971, p. 27).

No sistema teórico de Hall pouco lugar existe para a intervenção de fatores ambientais atuais no processo de evolução de um indivíduo e o ser humano não constitui um produto acabado, mas, uma possibilidade aberta de continuação e aperfeiçoamento, a longo prazo, sob a influência do ambiente bio-cultural em que existe. Inclui a suposição de que todas as culturas evoluíram sob sequências paralelas de mudanças evolutivas e que as aquisições culturais são geneticamente transmissíveis e recapituladas universalmente.

Evidências de dois campos de conhecimento interrelacionados no sistema de Hall, Antropologia e Psicologia, contrariam, entretanto tais pressupostos: Stewart (1935) ressaltou o caráter de independência das tradições culturais, apesar do paralelismo do desenvolvimento tecnológico que possam apresentar: não se pode deixar de conceber o desenvolvimento de uma cultura como intimamente relacionado a seu ambiente físico, especialmente as diferenças de fatores geográficos e climáticos, que, de certa forma, condicionam sua história, seus valores, seu desenvolvimento econômico e tecnológico. Pode-se afirmar, sim, que os indivíduos da espécie apresentam limites e características de estruturas e funções, desenvolvidas ao longo da hominização (Morin, 1979), transmitidas geneticamente, mas não a história da cultura humana e seus reflexos sobre o comportamento e a evolução social de um indivíduo, mesmo porque, tais afirmações contrariam as concepções modernas de biologia e genética. (Ausubel, 1971)

Em sentido restrito, confirma-se que um indivíduo recapitula o desenvolvimento intelectual de sua cultura em seu desenvolvimento cognitivo, não por uma determinação genético-histórica mas, porque, no curso do desenvolvimento intelectual do indivíduo e da cultura ocorre uma transição da inteligência concreta para a idealização simbólica e, porque, os limites do crescimento individual dependem do grau de complexidade da cultura em que interage. Assim, este desenvolvimento não seria indicação de alterações culturais no genótipo mas, da qualidade da estimulação e requisição cultural sobre este dependeria o desenvolvimento intelectual fenotípico.

#### 1.4.2 - Gesell e a Teoria da Maturação

A noção de maturação aparece no sistema de Gesell no sentido global de um mecanismo regulatório endógeno, responsável pela determinação da direção essencial de todo desenvolvimento.

De certa forma, sua teoria reitera a ênfase de Rousseau sobre o controle do desenvolvimento, mas rejeita qualquer paralelismo entre história cultural e desenvolvimento individual. Sua idéia de maturação se refere, operacionalmente, ao incremento na capacidade funcional conjugada ao crescimento estrutural, às mudanças fisiológicas ou ao impacto de experiências acidentais, em contraste com aquelas atribuídas à experiência prática e à aprendizagem.

Gesell propôs um modelo embriológico, por excelência, para explicar todas as dimensões do crescimento humano, que, segundo ele, obedecia às mesmas leis do desenvolvimento morfológico (1971). Assim, um programa endógeno determinaria a direção básica da diferenciação orgânica e comportamental, e corresponderia a ação de "gens ancestrais". Estes seriam resultantes da evolução da espécie e, de certa forma, estariam independentes de particularidades culturais. A ação do ambiente seria apenas a de reforçar ou inibir o determinado. (1)

" O crescimento é um processo tão complexo e tão sensível que deve haver poderosos fatores estabilizantes, antes intrínsecos que extrínsecos, capazes de preservar o equilíbrio da organização total e a direção da tendência evolutiva. A maturação é de certa forma, um nome para este mecanismo regulador. (1933, p. 232, op. cit. Muss, p. 118)

Considera-se hoje, que este modelo embriológico deva ser

(1) Os termos "desenvolvimento" e "crescimento" são usados in diferentemente nos trabalhos de Gesell.

aplicado apenas àqueles desenvolvimentos estruturais, funcionais e comportamentais filogeneticamente determinados e reponsáveis - por ações menos complexas do organismo. Quanto aos demais padrões, significativamente variantes em traços e sequências, e às similaridades encontradas entre indivíduos de uma mesma cultura ou de culturas diversas, acredita-se constituam reflexos da natureza comum de muitos de seus problemas para adaptação bio-cultural.

#### 1.5.- O Desenvolvimento a Partir de Uma "Tábula Rasa"

Ao contrário dos teóricos preformacionistas e predeterministas, a doutrina de indeterminação inicial no desenvolvimento afirma uma plasticidade infinita do homem sob as influências de seu ambiente e minimiza os efeitos da dotação genética e dos mecanismos reguladores internos sobre o processo.

A expressão "tábula rasa" tem um sentido geral e caracteriza a crença em que nenhuma predisposição é inerente ao indivíduo e dá origem ao desenvolvimento de sua personalidade e ação.

Diferentes explicações sucedem a adoção deste ponto de vista em Psicologia do Desenvolvimento, Filosofia e Educação. Para alguns o ponto básico desta doutrina é a plasticidade do ser, enquanto que para outros é a determinação ambiental em si, a base da toda evolução. É desta divergência de interpretação que decorrem sistemas tão distintos quanto o Behaviorismo e a Psicologia Humanista, apesar de ligadas a um mesmo pressuposto básico.

##### 1.5.1 - Behaviorismo e Desenvolvimento

A adoção de uma concepção de desenvolvimento a partir de

uma "tábula rasa" de certa forma acarreta uma ênfase sobre determinantes ambientais no processo. Para Watson (1919) a natureza é ilimitadamente sujeita a mudanças e, pode-se mesmo dizer, "não há limite para o que o homem pode tornar-se".

Para os teóricos behavioristas o comportamento devia ser estudado objetivamente e a consciência humana, não objetiva, era considerada sem validade científica. Watson negou a herança de qualquer aptidão mental, traço de personalidade ou predisposição definida e inaugurou uma escola de experimentação sobre a conduta, onde a aprendizagem por condicionamento, associação es tímulo-resposta, explicaria mesmo as reações emocionais: estas, constituiriam não mais que produtos da associação de padrões inatos de reação (medo, cólera, amor) com os estímulos do ambien te, na forma de reflexos.

O neocondutismo de Skinner inaugura a explicação da ativi dade motora voluntária sob a lei de associação resposta-reforço: o indivíduo agiria no ambiente de forma a garantir a satisfação de suas necessidades vitais, assim como de necessidades aprendi das, condicionadas às primeiras (amor, status, dinheiro, por exemplo).

As teorias condutistas reduzem toda ação e mudança do indivíduo às leis da aprendizagem e não constituem, propriamente, explicações do desenvolvimento: se referem a um processo global, contínuo e cumulativo, a aprendizagem, responsável pela adaptação do indivíduo ao ambiente. Mesmo capacidades como a lin guagem seriam modalidades de "comportamento operante" na direção da satisfação e da redução da tensão.

O indivíduo humano é concebido como um organismo não-cognitivo, sujeito ao controle dos estímulos condicionados (Watson,

1915 ; Skinner, 1938) e as leis de associação estímulo-resposta e resposta-reforço explicariam toda complexidade. (Hilgard, 1975)

### 1.5.2 - Desenvolvimento e Determinação Cultural

Do crescimento da Antropologia Cultural, no início deste século, surgiram muitos argumentos que reforçam as idéias de plasticidade infinita do indivíduo humano e de determinação ambiental de sua ação e desenvolvimento: as evidências das diferenças entre culturas levou à concepção de determinismo cultural no desenvolvimento.

As dicotomias indivíduo-sociedade, personalidade-cultura eram resolvidas pela simples abolição das categorias indivíduo e personalidade: "existem tantas culturas quantas personalidades" (Spiro, 1951). Este reducionismo representa as proposições de que os indivíduos modificam sua herança cultural; de que a aquisição da cultura se faz por processo de aprendizagem pessoal e intransferível; e de que o locus da cultura é o comportamento de seus indivíduos.

Curiosamente, esta doutrina teve considerável influência sobre alguns estudos psicanalíticos. Apesar de muitas incompatibilidades conceituais, tais estudos reintroduziram a doutrina dos instintos, afirmando constituírem estes as bases das similaridades interculturais. Afirmaram uma natureza frustrante da sociedade, incompatível com a visão determinista tradicional, que concebia a ordem social como o elemento-meio de satisfação de drives biológicos e a base dos impulsos interpessoais mais elevados.

Os escritos Culturalistas explicam ainda as diferenças interculturais no desenvolvimento da personalidade a partir da verificação de diferentes práticas educativas, especialmente aque

las adotadas pelos pais, no início do desenvolvimento psicosssexual.

" Toda cultura tem boas razões para aferrar-se à crença de que seus próprios sentimentos e impulsos são a única expressão normal da natureza humana, e a psicologia não constituiu exceção à regra. Chegamos à nossa concepção de normalidade por intermédio da aprovação de certos padrões de conduta e sentimentos dentro de um grupo, que impõe esses padrões a seus membros" (Horney, 1977, p.8.9)

O desenvolvimento constitui um movimento dentro do conflito libido-cultura e toma, basicamente, a forma determinada pelas soluções ou defesas mais comuns aos indivíduos de um grupo de idade e, finalmente, de um grupo cultural. As primeiras etapas do processo seriam menos variáveis interculturalmente, e a diferenciação das qualidades mais características de um indivíduo se faria, sobretudo, sob a determinação dos valores do grupo que compõe.

A idéia de conflito natureza biológica-cultura aproxima, de certo modo, o pensamento psicanalítico à noção de complexidade, guardados os limites que a determinação universal das fases do desenvolvimento psicosssexual impõem.

#### 1.6. Desenvolvimento e História de Vida

Ao contrário do que se pensa comumente, o estudo da história de vida e a utilização de biografias para compreensão das mudanças do indivíduo no seu ciclo de vida remonta aos séculos XVIII e XIX, às obras de Tetens(1777) e de Quetelet(1835), respectivamente. Em sua obra " Treatise on Man and Development of his Faculties", Quetelet reúne dados empíricos que cobrem todo

o curso da vida, considerando variáveis demográficas como nascimento, fecundidade e mortalidade; o crescimento físico; as variáveis psicológicas, articula os componentes do desenvolvimento geral e ressalva a importância da mudança sócio-histórica. (Baltes, 1977)

Mais recentemente, nos moldes da Moderna Psicologia, Charlotte Bühler (1935) reafirmou a necessidade de desenvolverem-se métodos de estudo que abrangessem todo o tempo de vida de um indivíduo, e não apenas a infância e a adolescência.

Os principais objetivos destes teóricos são a reformulação do conceito de desenvolvimento e sua expansão para além dos modelos biológicos do crescimento, a expansão dos principais constructos desenvolvimentalistas, a ligação das mudanças ontogenéticas e bioculturais num sistema de interação, e a formulação de metodologias específicas para o estudo do desenvolvimento humano. Neste sentido, o desenvolvimento na idade adulta e na velhice têm constituído pontos cruciais, especialmente na velhice, conceituada como o resultado de uma história de vida.

O termo "história de vida" não implica exclusivamente as realizações individuais nas diferentes idades cronológicas mas, sobretudo, focaliza os processos que têm proeminência no ciclo de vida.

Charlotte Bühler (1968) considera o período central da vida aquele a que corresponde a culminância no desenvolvimento, especialmente no que se refere à produtividade e à plenitude dos temas existenciais: o produto biológico da vida do indivíduo, seu filho, representaria uma projecção da existência individual para além de si mesmo. Seu estudo, entretanto, enfatiza paralelismos entre o desenvolvimento biológico e o psicológico e, de certo



modo, negligencia a influência de fatores sócio-culturais.

A modalidade estatístico-behaviorista dos estudos do ciclo de vida, representada especialmente pelos estudos de Thomae, acredita que uma biografia não deve ser compreendida ou "reduzida" a um princípio central como a motivação ou a auto-direção no desenvolvimento, marcas das influências psicanalítica e humanista no estudo deste processo. Ao contrário, afirma as dificuldades teóricas e metodológica para encarar cientificamente estes modelos, e sua posição para investigar o fenômeno na sua forma "não deformada, não reduzida teoricamente, ou preconcebida". (Baltes, 1977)

Considera como ponto de partida a contemplação do indivíduo no seu mundo, e evita as reduções nomotéticas - se recusa, entretanto, a escolher e teorizar sobre as finalidades e o sentido da vida de um indivíduo. O fato, a ação, o desenrolar e as modificações que se concretizam no desenvolvimento são os tópicos valorizados em sua obra, e a variabilidade intra-indivíduo, manifesta em seu comportamento, corresponderia a um desdobramento da temática ou dos motivos, assim como as diferenças individuais representariam diferenças de tematizações.

Verifica-se no modelo proposto por Thomae, ao contrário dos estudos humanistas do ciclo de vida, uma total impossibilidade de tipificação dos estilos de desenvolvimento. Nele, os indivíduos são únicos e sua estruturação é temática e específica, e não causal.

CONTRIBUIÇÃO DE UMA ABORDAGEM SISTÊMICA PARA A PSICOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO

## 2.1 - A Noção do Sistema

A adoção de um ponto de vista sistêmico ou organísmico pode constituir a solução do problema das Ciências Humanas e Naturais para a compreensão da totalidade complexa de fenômenos como a Natureza, a Cultura e o Homem. Também em Psicologia, este modelo de pensamento e investigação envolve as noções de sistema, organização, complexidade, informação, direção e teleologia, que não são satisfatoriamente desenvolvidas nos modelos clássicos de Ciência. Alguns destes fenômenos, especialmente a teleologia, eram mesmo considerados metafísicos e, na tradicional visão mecanicista do mundo, originada da Física Clássica, pareciam mágicos e estranhos à explicação científica. Hoje, entretanto, a partir da expansão dos modelos de investigação da Física Contemporânea, tais fenômenos são considerados legítimos e mesmo fundamentais para a compreensão de estruturas e fenômenos globais complexos.

" A visão sistêmica é a visão emergente contemporânea da complexidade organizada, um passo além da visão newtoniana da simplicidade organizada, e dois passos além das visões clássicas do mundo da complexidade divinamente ordenada ou imaginativamente considerada." (Lazlo, 1972, p.15)

Por sistema devemos entender toda estrutura complexa de componentes em interação organizada. Esta concepção inclui as noções de que o conhecimento do conjunto não pode ser deduzido do conhecimento de suas partes, nem mesmo de seu somatório, e de que também estas partes não podem ser completamente conheci-

das sem referência ao todo. A investigação das interações entre determinantes e componentes de uma estrutura ou de um fenômeno nos afasta da tradição mecanicista e da causalidade linear, e nos possibilita a compreensão da teleologia e da causalidade em rede. Não se trata de negar a validade da explicação tradicional, mas de restringir os eventos a que deve ser aplicada o processo de desenvolvimento humano, por exemplo, só poderá ser eficientemente compreendido se abandonarmos o discurso normativo do passado e a investigação, por vezes elementarista, de aspectos isolados deste processo.

De certa forma, a moderna concepção de estrutura, que aparece em alguns escritos de Psicologia e de Psicopatologia posteriores ao Gestaltismo, corresponde à noção de sistema.

" Os indivíduos não são unidades discretas e separadamente existentes do "organismo social", e este último não constitui uma soma total destas unidades. Tal como a estrutura material e funcional de um organismo garante a conduta normal de suas partes, do mesmo modo a organização e a conduta normal da comunidade social deve garantir a existência do indivíduo". (Goldstein, 1961, p.190)

O Gestaltismo surgiu como uma reação contrária ao elementarismo, ao associacionismo e à tradição de estudo analítico da Psicologia do início deste século. Wertheimer, Köhler e Koffka, propunham, basicamente, o estudo de totalidades definidas. Também contra as noções de significado e persistência do percebido, decorrentes do exercício da experiência, se fez este movimento. Seu modelo de fisiologia do sistema nervoso, análogo ao conceito de Gestalt, opunha-se à noção tradicional de conjunto de vias definidas, e afirmava a interação dinâmica do sistema nervoso e de seus anexos com a realidade, como um todo (Köhler, 1929).

Este movimento pode mesmo ser considerado uma etapa intermediária de uma evolução da Psicologia Científica na direção da compreensão da totalidade e da complexidade dos fenômenos que investiga. Na área do estudo do desenvolvimento, sua influência se faz em tentativas de conciliação de várias fontes de determinação na explicação deste processo, como nos trabalhos de Lewin (1936), Piaget (1967), e Wallon (1945), resultando num abrandamento das posições reducionistas inatistas e ambientalistas tradicionais.

Tal evolução se daria a partir dos modelos elementaristas e associacionistas do Experimentalismo de Wundt e do Behaviorismo de Watson, marcas da influência do pensamento mecanicista da Física Clássica: ultrapassaria uma fase marcada pela ênfase sobre totalidades dinâmicas segregadas e pelo determinismo da tendência ao equilíbrio, influência do Modelo Termodinâmico da Física Moderna; e deveria chegar, num estágio atual, à abordagem sistêmica do Homem e de sua Existência, decorrente da revolução do pensamento científico, marcada especialmente por uma mudança na Lógica da Vida que se deu a partir da descoberta do código genético (Watson e Crick, 1953), da Revolução da Cibernética (Wiener 1948) e da Teoria da Informação (Shannon, 1949; Morin, 1979)

Trabalhos como os de Jaspers (1973), Goldstein (1961) e Bertalanffy (1967) são exemplos de estudos primordiais para uma efetiva compreensão da natureza humana, da personalidade, do organismo, da experiência e da psicopatologia sob uma ótica sistêmica. Assim, para Jaspers,

"... A vida não é apenas substância altamente complexa, mas também corpo vivo. Tem este uma estrutura morfológica susceptível de análise ao infinito; não é má

quina físico-química que, se possível de ser construída, seria necessariamente finita. E a vida não é apenas corpo vivo, mas existência que implica uma intimidade (o ser considerado) e uma exterioridade (o meio, o mundo) e existência sobre a qual a vida age". (1976, p. 19)

Devemos compreender, hoje, tanto o processo evolutivo da vida, quanto o processo de desenvolvimento de um organismo vivo, como uma estruturação contínua de um universo complexo, onde sistemas de diferentes graus de complexidade comunicam-se entre si, interagem, resultando em supersistemas mais integrados, de graus superiores de complexidade organizada.

A concepção de organismo em Biologia Contemporânea afirma a noção de estrutura complexa e organizada: define um sistema vivo resultante da interrelação de subsistemas, organizado em grande parte pela informação genética através do Código Genético, e também sujeita à autoregulação e à transformação a partir de informação oriunda do meio externo, macrossistema com que interage. Esta noção de sistema ativo, auto-criador e dotado de aparente teleologia, se aplicaria desde o organismo unicelular e assexuado, até os organismos diferenciados e sexuados, e até mesmo ao Homem e ao Ecossistema (Callow, 1978).

Assim, para Werner (1940) e Bertalanffy (1967), também organizada e complexa é a estrutura sócio-cultural. Um macrossistema onde interagem cultura e organismos individuais, irreduzível a qualquer destes, ou mesmo ao somatório de suas características individuais. Um sistema extremamente complexo onde coexistem a manutenção, a tendência ao conformismo e à mudança; as instituições estáveis e o conflito.

Esta complexidade do fenômeno social, desde as relações in

terpessoais no microssistema "família", até as relações em e entre grupos maiores, como nações e civilizações, decorre não somente do grande número de entidades e variáveis que envolve mas, também, do fato de que todas estas fazem parte de um universo simbólico, irredutível às leis tradicionais de explicação de um universo físico-mecanicista: a Cultura. Por tudo isso, sua compreensão só é possível se amparada por um esforço interdisciplinar, na direção de sua totalidade.

Sobre a complexidade do sistema sócio-cultural, Bertalanffy (1977), comenta que

" Podemos dizer que o homem tem valores que são mais do que biológicos e transcendem a esfera do mundo físico. Estes valores culturais podem mesmo ser biologicamente sem importância ou deletérios. É difícil, achar que a música tenha por exemplo qualquer valor adaptativo ou ligado à sobrevivência. Os valores da nação e do estado tornam-se biologicamente nefastos quando conduzem à guerra e ao massacre de inúmeros seres humanos". (p. 262)

Como totalidade organizada e hipercomplexa (Morin, 1979) deve ser compreendido o fenômeno humano em sua natureza bio-cultural, assim como os processos que contém. Processos, como seu desenvolvimento, que só podem ser atingidos em toda sua extensão, se relacionados à noção de sistema bio-psico-cultural. Ao contrário do modelo tradicional adotado em Psicologia, e a que Bertalanffy (1967) denominou "modelo robô do homem", uma abordagem sistêmica do homem não o restringe aos princípios de uma reatividade primária, quer sob determinação interna (Psicanálise), - quer sob determinação ambiental (Condutismos), mas afirma a sua "natureza genérica" (Marx, 1844 op. cit. Morin).

## 2.2 - Sobre Sistema, Homens e Máquinas

Para muitos a noção de sistema parece inapropriada para referência ao organismo vivo, e principalmente ao homem. Está, para estes, vinculada a engenhos e máquinas e não podemos reduzir homens à máquinas. Entretanto, a utilização de uma noção como a de sistema, em diversos campos de ciência, pretende, principalmente, identificar uma continuidade ou mesmo uma identidade na construção do universo e do homem, e naquilo que o homem constrói. Todo este esforço não nega, porém, as características fundamentais que impossibilitam qualquer tentativa de redução de uma entidade ou processo a outro.

As máquinas construídas pelo homem constituem exemplos dos chamados sistemas fechados. Por estes entendemos os complexos de interação de elementos que não envolvem importação e exportação de matéria, mas apenas de energia, para sua conservação: não realizam pois alterações em sua organização fundamental. Tais sistemas, limitados em seus processos, de certa forma independentes da interveniência de outros sistemas, tendem, conforme o segundo princípio da termodinâmica, a alcançar um estado de equilíbrio que garante a sua constância no tempo e determina a paralização de seus processos macroscópicos. Um sistema fechado, em equilíbrio, não necessita de energia para conservar-se nem é possível obter-se dele algum trabalho. Este estado de equilíbrio, eventualmente alcançado, é determinado pelas condições iniciais do sistema, uma vez que nele nada se modifica ou se transforma espontaneamente, mas toda ação se dá na direção de estados de probabilidade e desordem crescentes ou, conforme a linguagem da termodinâmica, para estados de máxima entropia.

Nenhum sistema concreto conhecido pode ser descrito como totalmente fechado, ou mesmo isolado. Assim, exceto para os sistemas abstratos constituídos pelas relações abstratas que um observador estabelece, deve-se caracterizar sistemas "relativamente fechados" ou "relativamente abertos" (Miller, 1975)

Ao contrário do modelo do sistema fechado, o modelo do sistema aberto se aplica às organizações que se valem, para manter-se, de constante importação e exportação de matéria e energia: organizações que sofrem e efetuam interveniência de e em outros sistemas, assim como realizam alterações em suas "massa" e "forma" originais.

Não devem, portanto, ser tomados isolados, independentes, nem entendidos como tendentes ao equilíbrio termodinâmico. Processam constantes reformulações e autoregulações e podem chegar a estados próximos ao equilíbrio denominados "quase estáveis" (steady-states): representam organizações cuja estabilidade total constitui a própria anulação. No dizer de Bertalanffy,

" A chegada ao equilíbrio significa a morte e consequente decomposição, psicologicamente, o comportamento não somente tende a libertar tensões mas também a criar tensões". (1977, p. 254)

Os sistemas vivos, por exemplo, requerem tipos específicos de matéria e energia, em quantidades adequadas, para sua conservação e reprodução. Sabendo-se que pelo princípio de conservação da energia esta não pode ser criada ou destruída no universo, estes sistemas estarão sempre em interrelação com outros sistemas, num hipersistema de troca e transformação de energia. Logo, afastam-se da possibilidade de estudos por métodos estritamente estatísticos, e só podem ser compreendidos se tomados no



universo em que interagem, e considerados os demais sistemas e suas formas de interrelação.

Esta conclusão afasta também a noção de equilíbrio como meta de um sistema vivo, e estabelece o cenário onde estes devem funcionar com e apesar do "ruído" ou "erro", desenvolvendo novas modalidades de organização e funcionamento, criando, enfim, a partir da complexidade.

### 2.3 - Organismos Vivos - Sistemas Complexos

James Miller define ainda algumas características fundamentais dos sistemas vivos - plantas e animais.

Inicialmente deve-se considerá-los como sistemas abertos, isto é, organizações que dependem de importação e exportação de matéria-energia para sua manutenção e, quando necessário, para sua reconstrução: organismos dotados de alguma complexidade e imprevisíveis na totalidade de sua possibilidade de mudança e criação para adaptação e sobrevivência.

Quanto à sua composição básica, deve-se afirmar que constituem-se em grande parte de protoplasma que inclui proteínas e outros componentes orgânicos básicos. Contêm material genético responsável por informação genética composto de alguma forma de ADN (ácido desóxidoribonucleico), ou possui um código, ou ambos. Estes constituem o programa original de sua estrutura e possibilidade de ação, remonta à sua origem, e se reproduz total ou parcialmente (organismos sexuais) nos seus descendentes.

A dinâmica dos organismos vivos se faz sob a orientação de um subsistema crítico que controla todo o sistema, a partir de uma interrelação entre subsistemas responsáveis por funções

específicas: estes subsistemas interagem de forma integrada para formar sistemas unitários de auto-regulação, desenvolvimento e reprodução, dotados de finalidades e metas.

De ponto de vista das relações com outros sistemas deve-se assinalar a sua dependência de condições ambientais especiais, de tal sorte que as mudanças em variáveis tais como a temperatura, a quantidade de oxigênio disponível na atmosfera, a umidade, a intensidade de radiação, podem provocar tensões a que estes sistemas vivos não podem se ajustar. Estas variações devem ocorrer em margens relativamente estreitas de possibilidade de ajustamento para diferentes organismos. Além desta relação entre sistemas vivos e seu ambiente, pode-se verificar relações simbióticas ou parasitárias com outros sistemas, vivos ou não, como características dos organismos biológicos. Estas teriam por finalidade garantir o funcionamento integral do sistema, quando algum de seus subsistemas já não pode atuar: representa uma possibilidade de adaptação entre as inúmeras que os organismos complexos, em interação aberta com outros sistemas, apresentam. Tais relações determinam a constituição de novos sistemas, mais complexos, onde dois organismos passam a constituir subsistemas de uma organização mais complexa.

Os organismos vivos existem e transformam-se no tempo e no espaço. O tempo, conforme Miller, constitui um momento particular em que ocorre um determinado processo ou apresenta-se determinada estrutura: uma dimensão dos sistemas vivos. Os processos temporais dos sistemas vivos, ao contrário daqueles que envolvem deslocamentos no espaço, são irreversíveis. Seu desenvolvimento se faz por interrelação contínua e dinâmica entre seus diversos subsistemas (organismos) e metassistemas (ambiente na-

tural, ordem social), num processo que é irreversível, apesar de conter as funções cíclicas de regulação.

Muitos são os exemplos, e mesmo a partir de células, tecidos, órgãos e aparelhos destes organismos podemos caracterizar sistemas vivos. As noções de "espaço", "tempo", "matéria", "energia" e "informação", segundo Miller, são fundamentais para sua compreensão já que "existem e transformam-se no espaço e no tempo, são constituídos de matéria e energia organizada por informação" (1975, p. 344)

A estas, deve-se acrescentar a noção de complexidade, outra característica essencial do organismo vivo, a sua capacidade de funcionar com e apesar do "ruído" ou "erro", a que está fatalmente submetido no intrincado jogo de interrelação intra-sistema e entre-sistemas. Esta capacidade se explica como uma reabsorção ou expulsão de entropia que se produz no interior do sistema ou como reação do sistema aos fenômenos ou agentes desorganizadores originados do meio ambiente. Os princípios de autoprodução permanente ou auto-poiesis (Maturana, 1972) ou de reorganização permanente (Trincher, 1965 e Atlan, 1972), seriam os próprios princípios da organização da vida e da complexidade (op. cit. Morin 1979, p. 120): toda organização viva pois, sofre os efeitos da desordem e, curiosamente, evolui e aperfeiçoa-se a partir dela.

#### 2.4 - Organismo Bio-Cultural - Sistema Hipercomplexo

" Aquilo que se elabora no decorrer do período de hominização é a aptidão inata para adquirir e é o dispositivo de integração do adquirido. Mais ainda: é a aptidão cultural para desenvolver

a natureza humana". (Morin, 1979, p. 92)

Uma vez tomada a condição de organismo bio-cultural do homem, deve-se atestar estar-se diante de um organismo infinitamente mais complexo que as demais organizações vivas: um sistema hipercomplexo cuja evolução não pode ser reduzida a determinantes de uma natureza apenas, seja ela biológica, psicológica ou cultural.

Seu desenvolvimento ontogenético não poderá ser compreendido, senão como o conjunto de mudanças ao longo do tempo, que proporciona padrões mais eficientes de funcionamento: um processo de atualização da hipercomplexidade e da relativa "indeterminação" (Katz, 1974) que contém.

## 2.5 - Hipercomplexidade - Indeterminação

Pela Teoria da Evolução das Espécies de Darwin, a natureza se desenvolve sob a lei da Seleção Natural. Esta, explicaria o processo de mudança em estruturas e em comportamentos de organismos vivos para garantia de sua melhor adaptação e sobrevivência. Tais mudanças, por vezes, envolvem alterações no código genético de um organismo e a conseqüente informação aos seus descendentes. Este padrão, mutado, passa a constituir uma nova modalidade de organização ou ação, comum aos indivíduos de uma família, raça ou espécie viva, evoluída para as novas condições de adaptação.

No que se refere à espécie humana, entretanto, não devemos reduzir os determinantes da mudança e da evolução a fatores geoclimáticos e à escassez de alimento ou de parceiro para reprodução; mas avaliar fenômenos tais como o desenvolvimento da caça,

das regras para repartição de tarefas e produtos e a diferenciação de papéis numa comunidade, por exemplo. Mesmo para compreender a evolução que resultou no homo sapiens, o processo de hominização, devemos alargar a noção de seleção natural para a de seleção e evolução bio-cultural, e a partir daí entender o homem como uma estrutura hipercomplexa e organizada, capaz de criar e simbolizar, e não apenas reagir e sobreviver biologicamente.

Por hominização compreende-se o processo de transformação de um sistema antropóide, semelhante ao que se observa em comunidades de chimpanzés, num sistema humano. Compreende, conforme Morin, "uma morfogênese complexa e multidimensional resultante das interferências genéticas, ecológicas, cerebrais, sociais e culturais". (1979, p. 61)

Assim, torna-se inapropriada a redução do organismo humano à sua natureza biológica, já que a evolução de seu código genético produziu um cérebro cujas capacidades de criação e organização determinaram a aptidão simbólica e a capacidade de produção-reprodução de cultura.

Também não é apropriada, entretanto, uma redução da hominização ao desenvolvimento tecnológico e cultural: tal como a cultura, o cérebro desenvolvido do sapiens não constitui um sistema auto-suficiente, a relação entre ambos é de natureza dialética e complementar.

" Há um circuito sem começo nem conclusão entre espaço, sociedade, indivíduo e já vimos que tudo o que se refere à complexidade de um se refere à complexidade do outro, que o desenvolvimento da espécie, da sociedade, do indivíduo estão inter-relacionados". (Morin, 1979, p. 96)

A condição de animal sócio-cultural reafirma e agrava a necessidade de mudança de modelo e pressupostos em Psicologia: não se trata de coroar o homem como uma categoria superior na evolução das espécies, para a qual se dirigiria todo o processo evolutivo da vida. A posição da Psicologia deve ser a de tomar a consciência, a capacidade de simbolização e a cultura como condições únicas do existir do homem e de atestar estar diante de um sistema ativo, criador e razoavelmente indeterminado. Para Lazlo, "os organismos dotados de consciência estão liberados do mundo concreto do aqui-agora e aptos a adentrar um mundo quase autônomo de sua criação". (1972, p. 91)

Deve ser, também, a de reconhecer que este sistema está sujeito a uma qualidade única de interferência ou "ruído". "Admitindo sua dinâmica imanente ou leis, os sistemas simbólicos podem tornar-se mais potentes que o homem, seu criador" (Bertalanffy, 1966, p. 31)

Por tudo isso, o objeto de estudo da Psicologia não deve estar reduzido a um organismo reativo, governado pela busca de homeostase: deve ser uma organização total, ativa, também sujeita à interveniência de entidades simbólicas tais como cultura, sociedade e status, por ele criadas.

Não apenas o cérebro humano, desenvolvido e capaz para a consciência, deve ser considerado um sistema ativo e complexo: o homem deve ser estudado como uma modalidade específica de interação no universo, incompreensível a partir do estudo de qualquer de seus subsistemas.

Especialmente do ponto de vista do estudo do desenvolvimento não é conveniente restringir-se à descrição e(ou) à enumeração de variáveis que determinam um processo de crescimento, di

ferenciação e especialização de estruturas e funções na direção da manutenção do equilíbrio homeostático. Deve-se, sim, procurar compreender toda possibilidade humana de auto-criação e reorganização hipercomplexa ao longo da vida, irreversível ao esquema dos mecanismos reflexos, às leis de associação e aprendizagem e aos mecanismos para redução de tensão.

## 2.6 - Sistemas em Desenvolvimento

Com o passar do tempo os organismos vivos aumentam a sua capacidade de reagir a um número maior e a uma maior variedade de estímulos: desenvolvem habilidades e padrões de reação mais elaborados, ajustam-se a situações e resolvem problemas que, muitas vezes, envolvem relações complexas entre objetos remotos no tempo e no espaço. Este processo de mudança é estrutural e funcional e determina, basicamente, um alargamento do espaço vital de um organismo. Se faz, conforme Anderson (1967), em nove dimensões principais: abertura, ativação, crescimento, seleção, aprendizagem, mecanização, acumulação, emergência e simbolização.

Abertura - Ao contrário dos engenhos construídos pelo homem, sistemas fechados por conceituação, os organismos vivos modificam-se no tempo com a aquisição de maior complexidade associada a um crescimento em tamanho. Os limites deste processo de mudança são impostos pelo número e pela variedade de cromossomos e gens que possui, assim como experiência no meio ambiente - dentro destes limites, modificam-se espontaneamente, auto-produzem-se, e estas mudanças muitas vezes se reproduzem em seus descendentes através de sua planta básica ou código genético. Isto faz com

que as mudanças num sistema vivo, exceto aquelas cíclicas e com finalidade de auto-regulação, tenham um caráter de irreversibilidade. A ação em uma máquina, ao contrário, se dá dentro dos limites previstos por seu projetista, envolve uma quantidade fixa de energia e trabalho, e suas relações não se modificam, exceto por deterioração; têm, pois caráter reversível, isto é, podem ser reparadas. Uma máquina pode ser mesmo reconstruída mas, sempre por agentes externos à sua própria organização.

Ativação - Os sistemas vivos mostram-se ativos e suas mudanças não decorrem apenas de sua interrelação com outros sistemas, mas emergem de sua própria organização. Neles existem formas de ação na direção da adaptação imediata, que constituem transações de energia nos meios intra e inter-sistêmico e mudanças cumulativas, que determinam mudanças em seu comportamento posterior<sup>(2)</sup>

Crescimento - Entre as funções cumulativas de um sistema delinea-se um processo de diferenciação dificilmente separável de um processo de crescimento. Esta, envolve mudanças significativas na estrutura e na ação de uma organização complexa, principalmente quanto ao nível das suas atividades próprias e à velocidade delas.

(2) Esta concepção não é única em Psicologia. Chega mesmo a se opor à concepção de Malmö (1957) onde a ativação constitui um fenômeno de dimensão neurofisiológica que não tem em si a função orientadora do comportamento. Constituiria um estado/incompreensível apenas a partir do conhecimento das condições interiores do organismo - mas um produto da interação entre condições internas e externas. (Bachrach, 1972)



Seleção - Com o tempo, no seu desenvolvimento, os sistemas vivos tendem a perder uma multipotencialidade que apresentam inicialmente e ganham em eficiência ao custo de sua versatilidade. À medida que um organismo vivo "decide" por um padrão de resposta torna-se mais estruturado para atuar nesta direção e sua plasticidade se perde. E quanto mais avança no desenvolvimento, mais limitado se torna o tempo para realização de sua potencialidade.

Aprendizagem - Os organismos reagem aos estímulos, às perturbações em seu equilíbrio dinâmico e, através destas reações, muitas vezes desenvolvem habilidades apropriadas. Estas, com o passar do tempo, combinam-se em padrões mais complexos de resposta, relativamente independentes de suas unidades constituintes, bem como da situação em que tiveram origem. A integração e a "equipotencialidade" do comportamento são imensamente facilitadas nos organismos mais complexos pela possibilidade de transferência e generalização de aprendizagem, bem como por processos mediadores de uma capacidade simbólica.

Mecanização - À medida que um organismo se desenvolve na direção de maior competência para determinadas respostas, ocorre uma - estabilização desta experiência através da mecanização ou ritualização (para o comportamento social) desta sua modalidade de ação.

Acumulação - Todo sistema vivo possui um mecanismo de memória que retém alguns efeitos e processos de sua experiência. Estes podem determinar alterações tanto nas relações internas de um sistema, quanto na interrelação deste com outras organizações. Se estas alterações acarretam em maior complexidade, podemos

mesmo dizer que desta possibilidade de retenção e acumulação, em última análise, se fez este desenvolvimento.

**Emergência** - À medida em que um organismo se modifica no tempo, ocorrem mudanças na qualidade do seu funcionamento original, a partir da emergência de novas relações e de novas propriedades entre relações. O sistema humano difere marcadamente dos demais sistema vivos na sua capacidade de integrar comportamentos e padrões de relações que passam a constituir novas propriedades. Pode-se mesmo esperar, mantidas as oportunidades e a qualidade básica de estimulação e aprendizagem de sistemas humanos, bem como os seus limites genéticos, uma combinação de etapas ou estágios de seu desenvolvimento.

**Simbolização** - O sistema simbólico constitui um sistema aberto, ativo e seletivo, que cresce em tamanho e em complexidade. Seu desenvolvimento se faz através de aprendizagem, mecanização e acumulação de experiência, assim como da emergência de novos padrões de organização simbólica. Constitui um sistema bastante representativo no desenvolvimento humano e na forma de linguagem verbal tem sido mesmo utilizado como modelo de investigação do desenvolvimento humano (Werner e Kaplan, 1967).

Estas dimensões da dinâmica de um sistema em desenvolvimento se aplicam ao estudo de sistemas complexos e hipercomplexos que se modificam no tempo. Sobre o desenvolvimento humano, especialmente, pode-se concluir que o homem se move, no tempo, na direção de performances mais complexas, mas que quase nunca alcança o seu "melhor possível" dentro do que seria capaz em termos de potencial genético e estrutura orgânica.

Para Anderson os fatores limitadores do desenvolvimento não estão no próprio processo. Compreendem, inicialmente, uma inibição do crescimento a partir de uma competição intrassistema: o organismo vivo é um todo onde interagem subsistemas componentes que limitam-se uns aos outros. Outra fonte de inibição provém do ambiente, da relação com outros sistemas, e das demandas feitas por estes. Também as restrições de oportunidades ou privações constituem inibidores de desenvolvimento máximo de um sistema. Finalmente, todos os processos se dão no tempo e este como dimensão de processos estritamente biológicos, é limitado.

O DESENVOLVIMENTO HUMANO DE UM PONTO DE VISTA SISTÊMICO

3.1 - Da Necessidade de uma Imagem

Para representar a originalidade e a especificidade de fenômenos como o desenvolvimento humano, De Witt (1969) se vale de uma analogia curiosa e bem humorada: considera a tromba do elefante como um problema para a transferência de informação, um fenômeno para o qual não existe analogia satisfatória na experiência comum.

Analisando as diferentes palavras utilizadas para simbolizá-la, (do inglês "trunk", do francês "trompe" e do latim "manus"), conclui por representações ingênuas e falhas. Comenta que todos estes termos representam tentativas para descrevê-la funcionalmente, que, contudo, não transferem informação suficiente: "o elefante coça-se com a coisa, bate em moscas, respira através dela, espanca os mais jovens, segura a cauda do elefante à frente em paradas de circos, dá-se chuveiradas com ela e a utiliza, em geral, para esguichar" (p.183). E, segundo Aristóteles, pode mesmo andar sob a água utilizando-a como tubo de respiração.

Desta ilustração, De Witt conclui por uma tendência do indivíduo a associar ao conhecido, ao familiar, o objeto novo, desconhecido. Tratar-se-ia de um expediente útil, mas, imediatamente, levanta-se a questão de quanta e qual informação pode-se transferir sem incorrer em afirmações falsas ou em pensar falsamente sobre o novo objeto — "falso" e "falsamente" correspondendo àquilo que não está sujeito à verificação objetiva". "A tromba do elefante está além da experiência ordinária ou em linguagem mais técnica, é não-Aristotélica".

### 3.2 - Para um Modelo

Também o processo do desenvolvimento humano constitui um fenômeno único, que se estudado de forma parcial ou em alguma di mensão específica, mostrar-se-á incapaz de possibilitar uma verdadeira compreensão das transformações por que passa o indivíduo humano no seu tempo de vida. Trata-se de um processo que envolve mudanças num sistema bio-psico-cultural, que não podem ser tomadas isoladamente, ou reduzidas a determinantes de qualquer uma destas três naturezas componentes, quer biológica, quer psicológica, quer social.

Por tudo isto, a aplicação de modelos tomados por empréstimo de outras áreas de conhecimento, sem uma crítica e alargamento prévios, pode tornar-se desastrosa para a compreensão da totalidade do fenômeno. Este trabalho apresenta a linguagem e a explicação sistêmica da dinâmica básica do desenvolvimento, mas isto não deve fazer pressupor, de forma alguma, uma tentativa de redução a um ponto de vista bio-fisiológico. O enfoque sistêmico, de alguma forma corresponde, em Psicologia, ao chamado ponto de vista organísmico (Werner, Goldstein, Harris, Lewin, Piaget entre outros).

Até o presente desenvolvimento da Psicologia, as noções de estado estável e de homeostase têm aparecido, muito frequentemente, como direções fundamentais da dinâmica das ações do sistema humano. Estas noções, entretanto, não explicam totalmente a dinâ mica das organizações que funcionam como todos complexos, os pro cessos que envolvem a geração de tensão num sistema, as atividades criadoras e os processos de desenvolvimento para padrões mais elevados de complexidade. O desenvolvimento humano, como processo de diferenciação espontânea de um todo complexo, envolve a

criação de tensão e a emergência de possibilidades mais integradas de adaptação e criação, e não deve pois, estar reduzido à noção de manutenção do equilíbrio dinâmico.

Os modelos de homeostase e recuperação do estado estável (steady state) descrevem apenas a fisiologia do metabolismo e uma reatividade primária dos indivíduos, na busca de uma adaptação às mudanças ocorridas no ambiente. A dinâmica dos sistemas vivos, entretanto, envolve também alguns processos que se sobrepõem a este equilíbrio dinâmico: os processos autônomos periódicos originados da dinâmica de importação-transformação-exportação de matéria-energia, interiores ao próprio sistema; os processos correspondentes aos mecanismos de excitação e reação decorrentes de mudanças no ambiente externo; e, finalmente, os processos de morfogênese e de integração do todo funcional de um sistema.

Mais do que um processo de reação para uma melhor adaptação, nos moldes cibernéticos de Wiener, deve-se considerar a evolução da espécie humana e o desenvolvimento individual conforme os princípios da chamada "Segunda Cibernética". Nesta, Maruyama (op.cit. Holloway Jr., 1967) afirma que não somente os "feedbacks" negativos e as necessidades de recuperação a partir destes (morfoestase) determinam as mudanças do sistema humano mas, também, a ação de "feedbacks" positivos. Sobre organismos ativos e complexos esta ação positiva determinaria o aumento da complexidade e a emergência de níveis gradativamente mais elevados de improbabilidade (morfogênese).

Esta visão parece mais eficiente para uma compreensão mais efetiva da conduta humana e dos processos de mudança que definem tanto a sua filogênese, quanto a sua ontogênese. É preciso estar

atento não apenas ao grau mas, também, à qualidade da complexidade de intra e intersistema que a existência e as transformações humanas envolvem. Trata-se de considerar o homem como uma qualidade específica de complexidade que não pode ser descrita como um grau mais elevado na evolução das espécies, mas que inclui dimensões como a cultura e o símbolo.

Por tudo isto, o modelo de seu desenvolvimento deve poder abranger direções e necessidades determinadas pela sua capacidade criadora, e pelo valor simbólico de muitas de suas ações e metas. Neste sentido, quase tudo precisa ser desenvolvido, ainda.

### 3.3 - Um Modelo Verbal

O objetivo do presente trabalho não é esgotar a questão do desenvolvimento mas, principalmente, avaliar e criticar alguns modelos que conhecemos, em sua eficiência para explicar este processo como o acreditamos: complexo e multilinear.

O esforço na busca de um modelo prende-se então a um estudo teórico que, por isso, é limitado. Além da limitação de não esgotar-se na verificação empírica, o presente trabalho prende-se também a uma limitação imposta pela utilização de uma linguagem linear e unidirecional, por natureza: uma dificuldade básica para a simbolização de um processo multilinear que envolve relações causais mútuas. Acreditamos que a melhor representação do processo seria visual e dinâmica, através de uma animação, talvez. Mesmo os modelos matemáticos se mostram ineficientes para a representação de uma figura multidimensional dinâmica: a totalidade do processo está além da matemática que conhecemos (Langer, 1969).

O leitor deverá estar sempre atento ao fato de que acreditamos tratar-se o processo de desenvolvimento bio-psico-cultural

humano um fenômeno extremamente complexo, que requer a visualização de um todo integrado e complexo em mudança. E que isto se faz num ambiente complexo no qual o sistema age, do qual sofre efeitos, e que com ele funciona num todo maior, dinâmico e de maior complexidade.

### 3.4 - Sobre a Noção de Organismo

Se tomada de volta a aplicação do termo "organon" por Aristóteles, pode-se observar seu significado de instrumento ou ferramenta com a qual se pode atuar ou construir algo, e sua relação íntima com a palavra "ergon" que na língua grega significava trabalho ou tarefa. Na evolução de seus escritos, "organon" torna-se um termo geral das referências da Biologia, e se refere às partes do corpo, enquanto que a qualidade de "organikos" passa a representar, frequentemente, aquilo que é utilizado como instrumento (De Witt, 1967)

Em continuação a sua análise, De Witt, observa que já na obra de Platão a palavra adquire o sentido de representar um instrumento da "percepção sensitiva", uma conotação próxima da que se pode observar atualmente na palavra "orgão".

Os conceitos organísmicos devem representar, pois, uma tentativa para a compreensão das totalidades organizadas de estruturas e funções dotadas de complexidade multidimensional.

A utilização de uma abordagem organísmica nesta dissertação deve, por tudo isto, ser considerada um esforço inicial para a compreensão do desenvolvimento, e constitui, fundamentalmente, uma reação à compartimentação da pesquisa dos fenômenos humanos no campo da Psicologia. Estes, só poderão ser suficientemente compreendidos se através de um alargamento da perspectiva.



### 3.5 - Um Modelo do Ser

Um ponto de vista organísmico ou sistêmico no estudo da natureza humana subentende um indivíduo ativo e criador. Não se trata de uma visão totalmente nova, mas, segundo Langer, de uma resultante da evolução do pensamento de teóricos e poetas do século XIX que, como Coleridge, acreditavam que o organismo toma forma a partir da mudança originada de seu próprio interior.

Esta tese autogenética apresenta-se ainda mais complexa na formulação de Kant de que os sistemas orgânicos são poderiam ser efetivamente compreendidos se tomados como "propósitos naturais" (Langer, 1969, p. 7). O organismo seria pois um ser "auto-organizador", como se seu desenvolvimento representasse uma direcionalidade para fins imanescentes de sua própria organização.

A questão principal do desenvolvimento de uma abordagem organísmica recai, então, sobre o fato de que a aceitação do processo de autogênese como característica essencial dos sistemas vivos, pode nos conduzir ao determinismo genético da complexidade da evolução de um indivíduo: isto é, efetivamente, uma noção que pretende-se negar. Revela, e isto é importante para o nosso ponto de vista, um esforço para negar a explicação da mudança como primariamente determinada por um princípio de causalidade eficiente. Este princípio revela a crença de que o comportamento e o processo evolutivo do indivíduo humano, embora complexos, são feitos de seus elementos antecedentes e podem, por isso, ser analisados em função destes. Corresponde a um ponto de vista que inclui as noções de "tábula rasa" de Locke e o princípio associacionista-elementarista de Hume, e explica o desenvolvimento de um organismo regente, através da acumulação quantitativa e da associação de elementos mais simples na formação de unidades mais com

plexas.

Os modelos e as características do desenvolvimento cognitivo e social desenvolvidos por Werner (1948), Piaget (1967) e Wallon (1959) oferecem contribuições fundamentais para a solução da questão a que se prende este trabalho: a da validade dos modelos que se conhece para descrever e compreender o desenvolvimento complexo de homem, e o que vem a se constituir maturidade neste processo. Este trabalho não tem por objetivo analisar etapas ou estágios do desenvolvimento da criança e do adolescente como aparecem nestas teorias. Tem por finalidade, isto sim, analisar e criticar os modelos básicos que subentendem. Daí não prender-se a uma apresentação, em detalhes, das descrições das etapas do desenvolvimento características nessas posições teóricas.

Observam-se, a seguir, suas propostas de explicação do processo pelo qual se dá a evolução de um indivíduo, e que devem ser cuidadosamente observadas em sua complementariedade e em seu valor potencial para uma efetiva compreensão do desenvolvimento humano.

Pela natureza essencial e pela direção que atribuem ao desenvolvimento lógico, e mesmo por suas concepções da relação sujeito-mundo e da natureza da experiência, às teorias de Wallon e Piaget se mostram mesmo opostas. Aparecem reunidas nesta seção porque constituem explicações de direções e relações possíveis no desenvolvimento da cognição humana, e que por isso devem ser associadas para uma compreensão mais ampla deste processo.

Sobre o papel específico de Wallon, sua importância reside na relação indivíduo-cultura, de forma que concebe um conjunto de direções possíveis na evolução de um indivíduo, que serão ou não atualizadas, dependendo do que interessa a uma sociedade formar, para garantia de sua produção e reprodução.

### 3.6 - A Tese Ortogenética de Werner

A posição teórica de Werner representa uma ótica organizmica e desenvolvimentalista, por essência, que se opõe às noções empiristas da relação sujeito-mundo. Sua teoria não é muito precisa no estabelecimento das experiências que dirigem a sequência de uma evolução da criança para o adulto. Tampouco pode-se esperar de seus trabalhos uma explicação eficiente das condutas e manifestações expressivas do indivíduo em diferentes estágios do desenvolvimento.

O grande papel que Werner deveria ter no cenário das teorias do desenvolvimento seria o de fornecer um modelo claro dos processos de maturação e complexificação de uma unidade total, o desenvolvimento como o concebe em resumo, e de se esforçar por tentar descrevê-lo em termos teóricos gerais.

Desta forma, Werner (1948) explica o desenvolvimento como um processo ortogenético, onde a idéia central é a de uma evolução que se faz de estágios iniciais marcados pela globalidade, isto é, por se constituírem em estruturas indiferenciadas e funcionalmente não relacionadas (modelo embriológico). A direção desta evolução seria a complexidade organizada, sob a regência de cinco princípios básicos: desta forma a evolução dos organismos vivos, assim como a dos organismos culturais, procederia de estados marcados por indiferenciação, sincretismo, difusão, rigidez e instabilidade organizacional, para estados caracterizados por crescente diferenciação, articulação, flexibilidade e organização hierarquizada. Sobre a evolução de grupos, Werner faz questão de frisar que a qualidade inicial não é inferior a dos chamados grupos civilizados, de organização articulada, mas que constituem formas de adaptação com qualidades próprias, nem por isso menos

eficiente.

Voltando às noções representadas nos cinco princípios que governam a ortogênese, observa-se que estas são mais facilmente compreendidas se retomados os dados do campo onde se originou o modelo: o campo da embriologia geral.

No desenvolvimento de um embrião, entende-se por diferenciação o processo porque um organismo, constituído inicialmente de um único tipo de célula, se transforma numa organização composta de diferentes tipos de células, cuja variedade cresce com relativa rapidez. Assim, gradualmente, as células e funções primitivas de uma organização se diferenciam e se articulam em formas de interdependência estrutural e funcional.

Por analogia, do ponto de vista da ação de um indivíduo humano no ambiente, pode-se falar de uma evolução de mecanismos de reação de uma mesma qualidade fundamental, marcados por considerável independência entre si, as respostas reflexas e os primeiros gestos isolados, acidentais, primeiras experiências (Hebb, 1961), para uma capacidade de articulação de uma sequência de movimentos diferenciados, voluntários que constitui uma estratégia de ação. Do ponto de vista do desenvolvimento da linguagem, observa-se uma evolução a partir de uma capacidade inicial de articulação de sons independentes e sem sentido, para a capacidade de articulação de sílabas, palavras e frases, dotadas de sentido.

Uma das dimensões do desenvolvimento seria assim a progressiva diferenciação e especificação da estrutura global em suas estruturas e funções componentes, interrelacionadas.

No dizer de Werner,

- "a) diferenciação crescente e especificação de sistemas primitivos de ação que estão inicialmente fundidos uns aos outros, em uma organização global causando
- b) a emergência de ação novos e

crescentemente discretos que são também crescentemente integrados entre si mesmo de tal forma que c) os sistemas mais avançados (diferenciados, especificados e internamente integrados) integram hierarquicamente (subordinam e regulam funcionalmente) sistemas menos desenvolvidos (Werner, 1948 op cit Langer, 1967 pag. 92)

Paralelamente a esta articulação entre estruturas e funções diferenciadas, grupos de células, tecidos, órgãos, aparelhos ou sistemas no modelo embriológico, observa-se a emergência de um sistema progressivamente mais capaz de controlar o todo, desenvolvido de algumas de suas unidades constituintes, de tal forma que, se estas forem destruídas, toda a organização se anula. Enquanto que as demais, se destruídas, resultam em efeitos menos danosos para o todo: uma das características essenciais dos organismos vivos é a hierarquização progressiva entre seus sistemas, isto é, a dominância de certas estruturas e funções sobre as demais.

" Assim, no curso do desenvolvimento, os sistemas humanos de ação revelam-se num complexo de formas variadas (Bertalanffy 1938, Werner 1948). Consequentemente o homem progressivamente e algumas vezes regressivamente muda. Seu desenvolvimento não é linear mas multilinear." (Langer, 1969 p.92)

A qualidade básica do desenvolvimento seria pois a da relação progressiva entre as unidades de ação, no sentido de uma hierarquia organizacional total de estruturas e funções, onde as partes constituintes iniciais não se perderiam, mas, seriam, progressivamente integradas em unidades mais desenvolvidas. Por contraste, conforme Goldstein (1939), a regressão patológica seria marcada por crescente "desdiferenciação" e desintegração dos sis

temas de ação mais elevados.

A esta modalidade de evolução, onde as formas primitivas das unidades constituintes continuam presentes na organização complexa desenvolvida, Werner chamou microgênese. Dela resulta que determinada qualidade de organização, característica de uma etapa específica do desenvolvimento, se desdobra e pode ocorrer em qualquer tempo da ontogênese: sob a forma de suportes para formas mais complexas de ação,

" ...sempre que ocorrem mudanças funcionais durante o desenvolvimento, a função nova é inicialmente executada a sua antiga forma disponível; mais cedo ou mais tarde, com certeza, acontece uma presença para o desenvolvimento de novas formas que têm caráter de função mais específica, isto é, que servirá à nova função melhor que as formas antigas." (Werner e Kaplan, 1963, op. cit. Langer, 1969, p. 95)

Estabelecendo analogias que bem demonstram sua preocupação com a dimensão psicológica da ontogênese humana, Werner enumerou muitos exemplos do princípio ortogenético no desenvolvimento da percepção e da capacidade simbólica e resumiu os seguintes aspectos fundamentais deste processo:

Sincrético x Discreto - por síncrese deve-se entender a fusão de qualidades que, com a diferenciação e a articulação crescentes - no sistema, se mostram progressivamente mais discretas. Seus exemplos são a percepção sinestésica, o sincretismo das percepções olfativas e gustativas comum mesmo no indivíduo adulto, e as manifestações emocionais não totalmente diferenciadas como o medo e a raiva na criança (Bridges, 1932).

Estes exemplos tornam claro um ponto importante no sistema de Werner: o de que a transição de modalidades sincréticas de

funcionamento para modalidades discretas nunca se completa e, desta forma, a maior possibilidade de opção entre condutas sincréticas seria mesmo a do indivíduo adulto. Esta far-se-ia mesmo na interpretação de manifestações subjetivas, nas manifestações artísticas, como a possibilidade de relacionar ritmos e linhas melódicas, cores e figuras de estilo de linguagem, a sentimentos e emoções.

A síncrese constitui-se assim, numa característica do desenvolvimento inicial dos sistemas, e somente neste sentido pode ser considerada primitiva. Caracteriza o funcionamento psicológico da criança, as manifestações dos grupos primitivos e a percepção sob condições de ambiguidade e empobrecimento dos estímulos, mas não é, por si só, maladaptativa, desorganizada ou incompatível com um funcionamento caracteristicamente adulto.

Difuso x Articulado - As articulações difusas e vagas caracterizam as organizações indiferenciadas ou pouco diferenciadas enquanto que as eficientes estão relacionadas à separação e à coordenação das unidades de uma organização. Por exemplo, a fala articulada contém unidades diferenciadas de sons, que aparecem em sequências identificáveis, onde podemos observar limites relativamente claros entre sons contíguos.

Rígido x Flexível e Instável x Estável - os aspectos assinalados anteriormente descrevem particularidades do desenvolvimento da estrutura de uma organização, e os que daqui seguem, referem-se ao seu funcionamento básico. Este, inicialmente é rígido e instável mas à medida que se expõe a instabilidade de seu meio, desenvolve uma certa flexibilidade adaptativa. A flexibilidade do comportamento humano garante sua possibilidade de ação e consecução

de metas num ambiente complexo e dinâmico, e sustenta pois a sua estabilidade: flexibilidade e estabilidade são noções interrelacionadas no tratamento de organizações complexas em interações - dinâmicas internas e externas.

O desenvolvimento de um ponto de vista ortogenético se faria assim, a partir de organizações indiferenciadas, sincréticas, difusas, rígidas e instáveis na direção de crescente diferenciação, articulação, flexibilidade, estabilidade e hierarquização - entre unidades constituintes, o que determinaria melhores possibilidades de adaptação a um ambiente dinâmico complexo.

Em resumo, a tese ortogenética envolve a afirmação de uma atividade espontânea, imanente do sistema humano, que comporta uma tensão para a transformação e uma tendência para a conservação. A partir desta natureza essencial, qualquer desenvolvimento se faria por alterações qualitativas, quantitativas, e constituiria um processo de mudança contínuo e descontínuo. A organização humana comportaria, assim, o conflito e a competição entre seus sistemas constituintes, e a possibilidade de rupturas durante o seu processo de evolução.

Das relações sujeito-ambiente, Werner afirma uma interrelação para uma maior complexidade, mas reduz o ambiente a um mero cenário onde se desenrolaria o processo de mudança que caracteriza uma evolução: seria necessário como componente, e da qualidade de sua complexidade dependeria, em parte, o resultado final, mas a capacidade e a necessidade de mudanças estariam nos próprios organismos.

Seu interesse pela aquisição da noção de significado no desenvolvimento (Werner e Kaplan, 1952) envolve uma pesquisa cuidadosa e a descrição de diversas funções psicológicas em interrela



ção e evolução ortogenética. E, segundo ele, da sequência de dominâncias a cada nível pode-se mesmo observar uma sequência de estágios, analisados em termos de como a criança opera quando avaliada objetivamente. (Langer, 1969)

### 3.7 - A Tese da Equilibração

A tese da equilibração para explicação do desenvolvimento aparece de forma inicial nos trabalhos de Gesell (1946) para explicar a maturação fisiológica na infância e na adolescência, e compreende o desenvolvimento como um processo de "instabilidade formativa combinada com um progressivo movimento na direção da estabilidade." (op. cit. por Langer, 1969, p. 93). Para Jonas Langer, esta noção de equilibração para o desenvolvimento, como um processo longo de auto-desenvolvimento, constitui mesmo um complemento teórico da noção de ortogênese.

Também Piaget (1967) caracteriza o desenvolvimento da capacidade cognitiva e da socialização como um processo de equilíbrio: sua tese é de que a evolução procede de estados de relativo desequilíbrio para estados marcados por crescente estabilidade, de forma que a criança em desequilíbrio procuraria operar sobre o externo em busca da equilíbrio. O desequilíbrio seria consequência de uma qualidade interna da interação ser-mundo e a mudança, realizada pelo indivíduo em si mesmo, acarretaria em desenvolvimento.

Assim, Piaget conclui pela pessoa como um sistema auto-regulador, composto de unidades funcionais que continuamente se renovam e que se transformam, a si mesmas, através de suas operações no meio ambiente. Seu desenvolvimento seria, desta forma, direcionado a partir de sua própria organização, e a função do

ambiente externo seria meramente a de proporcionar condições per-  
tubadoras apropriadas.

### 3.7.1 - Auto-Regulação e Equilibração

A tese da equilibração na explicação do desenvolvimento -  
bio-psicológico humana contraria toda concepção de pré-formação  
da inteligência e das capacidades cognitivas em geral. Para Pia-  
get, existe uma identidade funcional entre as capacidades bioló-  
gicas e psicológicas, e o surgimento da inteligência decorre da  
evolução de uma organização inicialmente de natureza exclusiva-  
mente biológica.

" Os processos cognitivos ma-  
nifestam-se então, simultaneamen-  
te, como resultantes na auto-re-  
gulação orgânica, cujos mecanis-  
mos essenciais refletem e, como  
os órgãos mais diferenciados des-  
ta regulação no âmbito das inte-  
rações com o exterior, de manei-  
ra que terminam, com o homem, por  
estendê-la ao universo inteiro"  
(1973, p. 26)

Assim, as organizações psicológicas como as orgânicas re-  
fletem mecanismos de auto-regulação e toda evolução se orienta,  
efetivamente pela teoria de auto-regulação.

A afirmação de um papel ativo e organizador do indivíduo  
na relação com os objetos e no próprio processo de desenvolvi-  
mento contraria também as noções empiristas associacionistas em  
Psicologia. Enquanto para Piaget o indivíduo organiza sua expe-  
riência e realiza, ele mesmo, associações entre eventos e obje-  
tos, para estes teóricos o meio constitui um sistema de relações  
já dadas, e o conhecimento seria como que a impressão de objetos  
no indivíduo; há forma como existem no meio exterior, associados

por contiguidade temporal e(ou) espacial.

As leis do equilíbrio seriam as da interação sujeito-objeto e desta interação resultariam as estruturas mentais num processo de diferenciação contínuo e crescente, na direção de maior especialização das funções reguladoras das trocas indivíduo-meio: as funções mentais constituem as formas mais estáveis de equilíbrio no sentido adaptativo das funções de um organismo vivo. Ao contrário das organizações biológicas, restritas as situações atuais concretas, as organizações mentais atingem sua estabilidade própria porque estão liberadas destas condições de atualidade e concretude e antecipam-se às perturbações que percebem possíveis numa determinada interação.

Desta forma, o aperfeiçoamento no processo de equilíbrio constitui o aperfeiçoamento dos mecanismos de auto-regulação pois que conduzem a estruturas mais complexas que as anteriores, capazes de garantir a adaptação mais eficiente. E no curso do desenvolvimento psicológico para conservar o sistema cognitivo e suas unidades constituintes, é necessário transformá-lo através de processos que envolvem tanto a conservação quanto a produção de novas estruturas. A organização inicial com que nasce o indivíduo constitui a base funcional e estrutural de seu desenvolvimento e de funções biologicamente determinadas (reflexos) se diferenciam organizações crescentemente mais complexas, sujeitas às particularidades da interação com o ambiente na de um indivíduo.

O modelo biológico de Waddington é a base da explicação do processo de equilíbrio: o organismo biológico, paralelamente a inúmeros desequilíbrios e reequilibrações, alcança estados de equilíbrio aproximados a outros já alcançados em sua história,

mas qualitativamente diferentes. Neste modelo, as noções de equilíbrio e de adaptação estão vinculadas, e o processo de homeorrese explica as equilibrações dinâmicas através das quais as organizações vivas buscam o retorno ao equilíbrio - constitui uma aplicação na biologia dos pressupostos do modelo cibernético de Wiener, onde os feedbacks negativos determinam mudanças para regulação e restringe a complexidade e a auto-criação de um organismo como o Homem e concebe um indivíduo ativo numa reatividade essencial.

### 3.7.2 - Desequilíbrio e Desenvolvimento

O papel dos desequilíbrios, efeitos das perturbações ambientais, é fundamental para o desenvolvimento pois constituem os detonadores dos mecanismos de equilibração e superação das perturbações: assimilação e acomodação. Piaget acreditava mesmo que os desequilíbrios e as contradições não são inerentes à lógica do indivíduo mas constituem entre as coordenações internas das ações em sua relação com o real.

Por assimilação Piaget compreende o processo de conservação de um esquema de ação através da incorporação de objetos externos que o alimentam. E por acomodação define-se o processo de ajuste do esquema de ação às situações novas onde um sistema se modifica, logo se acomoda, aquilo que assimila. (3)

(3) Por "esquema de ação" Battro (1971) define "o conjunto estruturado dos caracteres generalizáveis de tal ação, quer dizer, os caracteres que permitem repetir a mesma ação ou aplicá-la a novos conteúdos." ( p.92 )

Piaget define três formas básicas de equilibração, alcançados durante o desenvolvimento das estruturas mentais:

- o primeiro tipo constitui a equilibração entre a assimilação dos objetos e os esquemas de ação iniciais e a acomodação dos esquemas aos objetos: um primeiro passo na direção da formação do esquema do objeto que garante a sua permanência, através de hábitos motores e antecipações percepto-motoras

- a segunda modalidade de equilibração se faz no sentido de assegurar as interações entre os subsistemas através de uma assimilação recíproca entre esquemas e sua acomodação recíproca: as relações estabelecidas nas estruturas operatórias são mais importantes que seus elementos constituintes e estão sujeitas a transformações em atendimento à lei da auto-regulação

- finalmente observa-se a equilibração progressiva diferenciação-integração que envolve o equilíbrio entre os elementos componentes das estruturas operatórias, em suas diferenciações e o sistema total e integrado. Esta constituiria uma forma mais complexa de regulação e conduziria a auto-regulação.

Sobre a direção do desenvolvimento cognitivo, Piaget afirma que:

" Por mais diversos que sejam os fins perseguidos pela ação e pelo pensamento (modificar os objetos inanimados, os vivos e a si próprio ou simplesmente compreendê-los) o sujeito procura evitar a incoerência e, tende, pois sempre na direção de certas formas de equilíbrio". (1976, p. 156)

### 3.7.3 - O Equilíbrio nas Estruturas Lógico-Matemáticas

A cada momento do processo de desenvolvimento o indivíduo

busca o equilíbrio ou procura conservá-lo. Os diferentes estados dessa equilibração refletem modalidades de equilíbrios caracterizados por equilíbrios gradativamente mais estáveis até as estruturas lógico-matemáticas. Através do aperfeiçoamento dos mecanismos reguladores até a auto-regulação se faria a evolução do sistema e a esta capacidade corresponderiam as estruturas mais ricas, liberadas das relações com os objetos concretos mas capazes de construí-los assim como de atender a todas as novidades no exercício do conhecimento.

O caráter de total reversibilidade faz das estruturas lógico-matemáticas as mais eficientes no sentido de promover compensações eficientes e regulações exatas e, sobretudo, aquelas mais aptas a operar na complexidade da interação indivíduo-universo. Não constituem, entretanto, estruturas fechadas em sua estabilidade mas "cujo fechamento assegura a estabilidade local" e "se abre constantemente sobre novos problemas devido às operações virtuais que ele torna possível construir sobre as precedentes" (p. 156)

### 3.8 A Psicologia Genética de Henri Wallon

A razão principal da referência à teoria de Wallon neste trabalho está ligada à sua afirmação de uma natureza dialética do desenvolvimento humano. Wallon enfatiza os aspectos econômicos e de "qualidade" de interveniência ambiental, e seu estudo da formação e das transformações do psiquismo ressalta a importância da relação indivíduo-meio: esta determinaria mesmo se um indivíduo manteria suas reações ao nível dos mecanismos fisiológicos, ou o ultrapassaria e desenvolveria seu psiquismo.

A estrutura do organismo constituiria como que um leque de possibilidades, atualizadas ou não, das formas mais variadas e nas mais diversas situações de vida - a psicogênese humana estaria ligada por um lado a estas condições orgânicas e, por outro, às condições do meio, responsável mesmo pela motivação para as respostas de um indivíduo.

O surgimento de aptidões potenciais no sistema nervoso se faria através de uma integração funcional e dependeria também do "momento" da sua evolução pessoal - das trocas permanentes com o ambiente resultariam manifestações psíquicas cada vez mais complexas, e estas decorreriam da conjunção da favorabilidade ambiental com a natural plasticidade humana.

Desta diversidade potencial decorreriam diferentes manifestações, em diferentes meios, explicadas pelas diferentes orientações ou "hierarquias de valores" de diferentes sociedades: estas poderiam ser claramente verificadas nos povos onde os tipos de vida são mais homogêneos, como nas culturas ditas primitivas, e do interesse destas predominariam a potência emocional, a vivacidade perceptiva ou a reflexão intelectual.

Desta forma, a psicogênese não é automática, não tem uma progressão necessária, mas está ligada aos modelos sucessivos de relação indivíduo-cultura.

### 3.8.1 - Desenvolvimento e Oposições

No sistema de Wallon o desenvolvimento psíquico da criança apresenta oposições como qualquer outra transformação e a passagem de uma etapa a outra não constitui simples ampliação, mas uma modificação onde as atividades predominantes na primeira fi-

cam reduzidas ou mesmo aparentemente suprimidas na seguinte.

" As estruturas elementares do pensamento têm as condições negativas e positivas. Positivas elas respondem às exigências primeiras do pensamento discursivo que faz passar a atividade intelectual para um plano novo. Negativas elas são anteriores, bem que necessárias, ao seu surgimento." (1976, p.106)

Seu modelo lógico do desenvolvimento e da relação indivíduo o mundo, ao contrário do de Piaget, comporta a negação, as rupturas e sustenta a qualidade dialética da natureza, da ação e dos processos.

Na evolução por etapas, os conflitos e as crises marcariam a evolução do antigo para o novo, e através do conflito a vida psíquica atingiria equilíbrios novos, para enriquecimentos crescentes.

Processo descontínuo, a evolução individual apresentaria oscilações que constituiriam, muitas vezes, antecipações de funções e retorno destas, por não estarem ainda elaboradas o suficiente para substituir as estabelecidas. Da mesma forma, funções mais recentes predominariam sobre todo o campo de atividade, antes de se integrar nele. Assim, ao longo do desenvolvimento, "alternativas funcionais" manifestar-se-iam por fluxos e refluxos, responsáveis pelo aparecimento ou pela emergência de novas estruturas mentais.

As fases do desenvolvimento corresponderiam a momentos onde predominaria o gasto ou a reserva e a recuperação de energia, correspondentes às reações metabólicas de anabolismo e catabolismo. Estas alternâncias constituiriam fases de predomínio de orientação centrípeta ou centrífuga, dirigidas para o estabelecimento da relação organismo-meio: a fase centrípeta corresponderia o predomínio da elaboração interna, enquanto que a fase centrífuga cor-



responderia um período em que o indivíduo se volta para o meio, resultando seu desenvolvimento em diferenciação funcional e adaptação subjetiva.

### 3.8.2 - O Real e o Conhecimento

Entre o real e o conhecimento existiria um antagonismo analisável através de comparações entre a criança, o primitivo e o animal - o objeto da Psicologia seria a situação onde o sujeito está em ligação com suas próprias circunstâncias: a criança e ao animal faltam funções para o conhecimento, ao primitivo faltam condições para um desenvolvimento mais complexo da capacidade de conhecer.

Da distinção entre "inteligência das situações" responsável pelas diferentes soluções às diferentes situações, e "inteligência discursiva" ou "inteligência do conhecimento", decorrem as noções de "espaço motor" e "espaço mental". A representação separaria os dois tipos de inteligência e seu material seriam os símbolos e as imagens que se originam da aquisição da linguagem.

O nascimento da representação, segundo Wallon, não deve ser visto como decorrente de uma evolução individual, mas como relacionado às aptidões da espécie, por meio do pensamento coletivo manifestado na linguagem.

" Entre o automatismo gravado no organismo e as realidades exteriores precisar-se-ia o liame da representação, da intensão. Assim seria a imagem uma prévia condição da ação adaptada. Suporia a ação uma descontinuidade, uma pluralidade primitiva, e a necessidade de articular entre si, termos essencialmente distintos, dissociados" (1971, p. 49)

Enquanto a "inteligência das situações" pertenceria ao pla

no sensório-motor, através de reações perceptivo-motoras, e teria como meta a realização do concreto e atual, a "inteligência discursiva" operaria no nível conceitual. Sua origem não deve estar reduzida à extensão e à continuidade das operações sensório-motoras mas, toda dimensão social do homem, responsável por sua capacidade mental abstrata, interviria nesta ultrapassagem.

### 3.8.3 - Do Movimento à Autoconsciência

Caracterizaria o desenvolvimento inicial do indivíduo uma redução ao mínimo de qualquer componente motivacional. O processo estaria aí reduzido a um conjunto de descargas emocionais, espécie de continuidade da vida intra-uterina, onde o movimento parece constituir resposta aos estímulos e excitações do organismo. Após o nascimento, dependente do meio para sobrevivência do indivíduo, instalar-se-ia uma fase marcada por significativas alterações funcionais.

A satisfação imediata das necessidades, e o quase total anabolismo caracterizariam a vida pré-natal como uma etapa de gastos mínimos de energia. Em vez disto, com o nascimento, inaugurar-se-ia uma vida de satisfações incertas e nem sempre imediatas. Disto decorreria um aumento do catabolismo, cujos gastos de energia estariam traduzidos em espasmos e gritos, frequentemente resultantes de privação ou espera. Sem orientação, os gestos explosivos da criança "são como que efeito de uma auto-privação, de uma incontinência, de um escape aos controles habituais da conduta." (1941, p. 154)

De gestos desta natureza, reflexos de reações exclusivamente fisiológicas, dar-se-ia a evolução em direção ao psiquismo.

As condições deste processo estariam relacionadas à maturação e à diferenciação funcional dos sistemas de sensibilidade interoceptivos, proprioceptivos e exteroceptivos, assim como à ação de um meio essencialmente humano.

Os movimentos teriam um papel muito significativo na evolução psíquica, e até a aquisição da linguagem, significariam toda possibilidade de comunicação e expressão de que dispõe o indivíduo.

Ao intervalo entre o quarto e o nono mês do primeiro ano de vida corresponderia uma etapa marcada pelo desenvolvimento das emoções - transformações das descargas motoras do período de "impulsividade", estas corresponderiam aos meios de expressão e contato com as pessoas, dominantes nesta etapa.

A emoção faria a transição do puro automatismo do período anterior para a vida intelectual, por intermédio do contato social humano: constituiria a forma de sensibilidade anterior à percepção e ao conhecimento (funções corticais), desenvolvida no cérebro médio, e por isso, relativamente independente e de funções próprias.

O meio teria influência decisiva sobre todo o desenvolvimento do indivíduo, e especialmente nesta etapa, pois que a função primordial do que se desenvolve seria a comunicação entre os indivíduos, e estaria relacionada à sua força de expressão e contágio entre as pessoas.

Entre o primeiro e o terceiro ano de vida, estágio denominado sensório-motor, a aquisição da linguagem e da marcha determinaria uma ruptura, uma mudança qualitativa no desenvolvimento: seria inaugurada a capacidade projetiva, onde as imagens mentais se projetam em atos, e com estes se fundem, constituindo assim reali

zações ideomotoras. Mesmo os objetos constituiriam um elemento sensório-motor, e a verdadeira atividade de exploração estaria a inda ausente.

Da atividade projetiva, através da imitação, do simulacro e da linguagem, o indivíduo partiria para a capacidade de representação — de natureza social, a função simbólica, através da lin guagem, permitiria a expressão, a representação e o desdobramen to da realidade e todas estas conquistas estariam relacionadas à maturação do sistema nervoso.

Das simbiose fisiológica do período intra-uterino e simbio se afetiva do estado de indivisão e fusão que caracterizam a sociabilidade sincrética, se fariam a tomada de consciência do si mesmo e a diferenciação da sociabilidade. Paralelamente ao desen volvimento da linguagem, da percepção e da inteligência prática o esforço maior traduzido pela conduta se faria na direção da au tonomia pessoal. A intervenção da capacidade simbólica seria a condição necessária para o desenvolvimento do pensamento e da pessoa.

As teorias de Werner, Piaget e Wallon convergem na afirmação de que o desenvolvimento psicológico far-se-ia de funções bio lógicas, de reações automáticas, para as capacidades psicológicas complexas.

Utilizando diferentes modelos, os três autores procuram traçar uma evolução de direções e processos análogos ao desenvolvimento fisiológico: Werner lança mão de pressupostos e princi pios de embriologia; Piaget se vale do modelo biológico de Wad

dington; e Wallon procura descrever o desenvolvimento pós-natal como uma oposição à vida intra-úterina.

Sua contribuição é grande — reflete um esforço pela compreensão da totalidade do indivíduo humano, em transformação. Especialmente Wallon, que enfatiza os determinantes ambientais no desenvolvimento, em vez de considerá-lo um mero cenário, como Werner e Piaget.

Sobre a descrição dos estágios, é na teoria de Piaget que aparece uma sucessão constante e estável de estágios caracterizados por uma estrutura de conjunto, de caráter integrativo, onde níveis de preparação e complementação constituiriam o processo de ontogênese das estruturas e das formas de equilíbrio final. Ao contrário de Piaget, Wallon afirma a unicidade do homem na sua diversidade, e sua compreensão como possível apenas se baseada nas suas múltiplas manifestações, em suas causas e condições, bem como na compreensão da originalidade de suas crises. Os estágios vão constituir manifestações do todo, "estilos dominantes", que caracterizam as diferentes possibilidades de relação indivíduo-meio, em diferentes idades — não se sucedem hierarquicamente mas representam ganhos sucessivos dos quais decorre um estilo dominante e não a supressão do que o antecede.

As divergências entre Piaget e Wallon fundamentam-se nas diferenças entre os modelos lógico formal e lógico dialético, respectivamente, nas concepções do princípio de identidade, do papel da coerência e a existência do "terceiro termo", a síntese.

A lógica formal, do idêntico ao idêntico, marcaria a ênfase de Piaget sobre a coerência na continuidade do desenvolvimento:

O modelo lógico concreto de Wallon afirmaria os contrários, o conflito no interior da consciência e do pensamento, e o verdadeiro motor do pensamento. Da qualidade dialética da natureza e da ação transformador-transformado na relação indivíduo-mundo adviria a possibilidade de ruptura, de contradição no próprio desenvolvimento. No sentido em que enfatiza a descontinuidade, a abordagem de Wallon se aproxima da abordagem de Werner.

Rigorosa explicação das características e direções primordiais do desenvolvimento, a teoria de Werner não apresenta uma preocupação específica com a descrição de estágios do desenvolvimento global - sua pesquisa se aplica à verificação da tese ortogenética no desenvolvimento do simbolismo, da percepção, da linguagem e mesmo da organização cultural de diferentes grupos.

Com relação às afirmações de Wallon, faltam verificações acerca da maturação do sistema nervoso e suas relações com o desenvolvimento psicológico. Sua teoria constitui uma significativa aproximação fisiologia-antropologia, e resgata a dimensão psicossocial humana nos estudos do desenvolvimento.

Modelos complementares, as teorias de Werner e Piaget representam conquistas da Psicologia do Desenvolvimento pois constituem teorias formuladas e comprovadas empiricamente, bem como criteriosos em sua conceituação. Representam, entretanto, uma ênfase sobre a dimensão bio-psicológica do desenvolvimento, onde o componente ambiental cultural não é, como em Wallon, tomado significativamente.

## CAPITULO IV

### DESENVOLVIMENTO E MATURIDADE

"Os outros seis anos fazem-me crescer ...  
Assim também faz fevereiro todos os anos  
O qual, enfim, conduz à primavera ...  
E quando a pessoa faz dezoito anos,  
Ela se modifica de tal forma  
Que pensa valer mil pedaços  
Assim também o mês de março  
Se transforma em beleza e readquire calor ...  
No mês que vem depois de setembro  
E que chamamos de outubro,  
A pessoa tem 60 anos e não mais,  
Então ela se torna velha e encarquilhada,  
E se lembra de que o tempo a leva a morrer"  
(Calendário das Idades, Século XV, op. cit.  
Ariès, 1978)

#### 4.1 - Idade Adulta e Mudança

Ao estágio nomeado Idade Adulta corresponde o maior intervalo do ciclo da vida. Embora em diferentes sociedades exista uma preocupação por determinar uma idade legal de "maioridade", mais que atingir uma determinada faixa etária, ser adulto é vivenciar um universo novo, de fronteiras diferentes daquelas da criança e do adolescente, e de uma forma também nova. Embora estas sociedades não possuam ritos de passagem que demarquem a ultrapassagem dos limites iniciais desta fase, existe uma série de marcos que representam esta maturação: o denominador comum destes é a crescente responsabilidade que se impõe ao indivíduo. A sociedade espera dele uma orientação realista, uma capacidade eficiente de aprendizagem, uma atuação profissional, uma autonomia satisfatória de seu grupo original e um esforço para seleção de um parceiro para complementação sexual e reprodução numa família constituída.

Em outras palavras, a superação da imaturidade corresponde uma ultrapassagem de etapas marcadas por uma "moratória social"

(Erikson, 1976) que se caracteriza por uma série de mudanças indetectáveis a um processo de crescente adoção de responsabilidade e atitude produtora e reprodutora numa cultura.

Esta definição representa um modelo atrofiado e tecnológico do Homem e ignora toda mudança inerente a si mesmo, ao transformar-se de "alvo" de uma série de instituições desde a Família, a Escola, a Igreja e os diferentes programas sociais de amparo e proteção ao "menor", a "fonte" de produção de recursos, a reprodução criticada de normas desta mesma sociedade.

Pikunas (1979) assim descreve o desenvolvimento humano:

"... como uma espiral, pressiona em sentido ascendente por mais de duas décadas, depois mantém o nível conseguido, durante mais duas décadas; a seguir alcança um longo período de declínio lento; depois decai mais rapidamente até um ponto em que os principais órgãos ou sistemas falham e ocorre a morte". (p. 438)

Concepções como esta, reduzem todo o processo à direção do equilíbrio metabólico (anabolismo-catabolismo) e consideram maturidade como um tempo de manutenção do obtido, um tempo de estabilização das funções orgânicas para a reprodução eficiente, e se abstêm de considerar o horizonte cultural alargado e complexificado significativamente nesta etapa: é como se considerassem sistemas exclusivamente biológicos que têm por critério de definição de maturidade e por direção básica do processo evolutivo individual a capacidade de reprodução.

É no campo do estudo da Personalidade, e não do Desenvolvimento, e algumas vezes na Filosofia que estão definidos os critérios de maturidade. Obedecendo a diferentes modelos de funcionamento e a diferentes pressupostos elas parecem convergir no sentido de definir uma categoria ideal de funcionamento da pessoa,



muitas vezes um tanto distantes da real complexidade do existir adulto.

#### 4.2 - Psicanálise e Maturidade - O Modelo Freudiano

Atenuados ou não, os modelos psicanalíticos do desenvolvimento envolvem a idéia da pré-formação da natureza essencial dos conflitos humanos, bem como dos estágios do desenvolvimento psicossexual: o conflito é inerente à natureza do ser pela virtual opção libído-sociedade (Freud, 1919; Erikson, 1968).

" A ordem em que os vários impulsos instintivos chegam a atividade parece ser filogeneticamente determinada; da mesma forma, também, o período de tempo durante o qual estão aptos a manifestar-se antes que sucumbam aos efeitos dos jovens impulsos instintivos emergentes ou a alguma repressão típica".  
(Freud, 1975, p. 241/242)

A natureza psicossocial do conflito subentende uma maturidade baseada na sublimação da maioria dos impulsos sexuais agressivos, isto é, na sua manifestação socialmente aceitável, dessexualizada.

Para Freud, o indivíduo adulto deveria ser capaz de "amar e trabalhar". Esta fórmula, "leiben and arbeiten" representaria a possibilidade de uma associação entre o amor genital e a generosidade em outras formas de amor, e a produtividade no trabalho, a participação na manutenção de sua sobrevivência e a de seu grupo, de forma a não prejudicar a capacidade e o prazer genitais.

" Com o despertar da puberdade, acontecem mudanças destinadas a dar à vida sexual infantil sua forma final normal. O instinto sexual tem sido até então, predo

minantemente auto-erótico; agora encontra um objeto sexual. Sua atividade tem sido até então derivada de um número de instintos separados e zonas erógenas, que, independentemente uma da outra, tem procurado uma certa sorte de prazer como seu alvo sexual. Agora, entretanto, um novo alvo sexual aparece, e todas as zonas erógenas tornam-se subordinadas à primazia da zona genital". (p. 207)

Apesar da ênfase sobre a genitalidade (capacidade de desenvolvimento orgástico que combina o amadurecimento da sexualidade genital através da mutualidade íntima e a capacidade de descarga de tensão de todo o corpo) é, também, da qualidade básica da orientação no real e das defesas utilizadas por um indivíduo que depende a consecução de um status adulto: da sua capacidade de equilibrar a oposição libído-sociedade, sem negar ou reprimir excessivamente seus instintos naturais, e utilizar a potencialidade e a sensação orgástica como regulação mútua de padrões por natureza opostos, relacionados às diferenças sexuais, à ambivalência dos sentimentos, à oposição libído-cultura.

A obra de Freud, por tratar do desenvolvimento da personalidade nos primeiros anos da vida do indivíduo, não oferece um modelo eficiente para compreensão das mudanças e da existência adultas. A maior parte de seus escritos se refere à criança, ao adolescente e à patologia, e se caracteriza por tratar, especialmente, dos problemas relacionados à dinâmica da personalidade em diferentes etapas de sua formação.

Do ponto de vista da prática da Psicanálise, a restrição do processo de reestruturação da personalidade aos indivíduos com idade inferior a quarenta e cinco anos traduziria uma crença na finitude da possibilidade de mudança significativa do ser humano. A determinação de sua personalidade e seus conflitos pri

mordiais se faria em idade precoce, correspondente a um tempo de crescimento e diferenciação de capacidades físicas bastante acentuados, e também a chance de reorganização da personalidade do adulto, num processo terapêutico, estaria condicionada à sua plenitude genital. Aos primeiros sinais de um decréscimo do potencial energético da libído, o indivíduo teria suas capacidades de estabelecer novas catexis e de reconstruir seu mundo de objetos dificultadas.

Assim, as mudanças fisiológicas significativas estariam relacionadas as alterações psicológicas também significativas, e à meia idade e à velhice corresponderiam como que uma condenação à neurose e à impossibilidade no processo de desenvolvimento.

#### 4.3 - Maturidade e Conflito Psicossocial - O Modelo de Erikson

Erik Erikson elaborou os pontos de vista da teoria freudiana e sua concepção de desenvolvimento e maturidade se refere mais a uma pessoa interagindo num ambiente, do que a uma construção (personalidade) se diferenciando no tempo. Mais ainda, ao contrário de Freud, para quem o desenvolvimento praticamente se finalizava na adolescência, com a reedição e solução sublimada do Complexo de Édipo, Erikson estende o desenvolvimento de um indivíduo para além da adolescência. Assim, além dos cinco estágios postulados por Freud para o desenvolvimento psicosexual-oral, anal, fático, felatência e genital, Erikson compreende, a partir da puberdade, quatro fases marcadas pelo desenvolvimento de uma identidade pessoal e sua extensão pela intimidade, generatividade e integridade.

Por identidade, Erikson compreende uma primeira etapa, coincidente com o início da fase genital de Freud, onde o "eu" individual, centro da consciência e de volição, parece começar a trans

cender e a sobreviver a uma identidade psicossocial predominante. A intimidade, mais larga que a intimidade sexual e que a compreende, constituiria um produto da segurança de uma identidade pessoal e sua disposição para compartilhar e criar, em vez de competir e combater, impulsos remanescentes da adolescência.

" Mas, à medida que as áreas de responsabilidade adulta são gradualmente delineadas, quando o encontro competitivo, o vínculo erótico e a inimizade irredutível são diferenciados um dos outros, elas acabam ficando sujeitas àquele sentimento ético que é a marca do adulto e que sucede à convicção ideológica da adolescência e o moralismo da infância". (p. 137)

Por generatividade, Erikson compreende a preocupação adulta com o estabelecimento e a orientação da geração seguinte que representaria a natureza criadora humana, bem como sua consciência do tempo e da morte — mesmo as instituições parecem reforçar este impulso generativo. Para Erikson, infância e idade adulta interagem num sistema de geração e regeneração a que as instituições família e trabalho dão continuidade. Erikson fala mesmo de "um investimento libidinal no que está sendo gerado. (p.138)

À "garantia acumulada da propensão do ego para a ordem e o significado — uma integração emocional fiel aos porta-imagens do passado e pronta a assumir (e, eventualmente a renunciar) a liderança no presente" Erikson identifica a noção de integridade. Este sentimento ou capacidade resultaria numa reestruturação e compreensão da experiência no próprio tempo de vida de um indivíduo, assim como na consciência da própria responsabilidade no que foi e no devir, e na certeza de poder defender a dignidade do estilo de vida que escolheu contra todas as ameaças físicas e econômicas.

Erikson identifica ainda as fases da vida e os sentimentos produtivos que delas se originam ao elemento que dá vida às instituições, e das quais a existência destas dependem diretamente, pois que têm por objetivo garantir a melhor sequência de gerações.

" A força psicossocial, em conclusão, depende de um processo total que regula os ciclos vitais individuais, a sequência das gerações e a estrutura da sociedade, simultaneamente. Pois todos os três componentes do processo evoluíram juntos. (p. 14)

#### 4.4 - Maturidade e Conflito Intrapsíquico - Otto Rank e Rollo May

Mais que adaptação, para os teóricos que defendem o conflito interno à natureza do ser como seu caráter primordial e o determinante de sua ação e desenvolvimento, é numa harmonia entre as forças contendoras que reside a maturidade — ambas as forças em conflito são universais, inerentes a psique humana.

Exemplo claro e rico desta posição é a afirmação de Otto Rank de que tais forças seriam o "medo da vida" e o "medo da morte" originados no "trauma do nascimento" (1972)

"... é possível dar uma base biológica ao inconsciente, é dizer que o psíquico propriamente dito, descoberto e explorado por Freud ... em relação com este mecanismo biológico do inconsciente que é o trauma do nascimento". (p. 15)

A maturidade constituiria a capacidade de criar, minimizando assim ambos os medos de vida e de morte, tornando-se alguém individualizado, tolerante e aceito pelos demais, e à harmonia entre os polos do conflito interno corresponderia uma harmonia com o mundo externo.

Por outro lado, a desarmonia ou prevalência de uma das duas forças levaria à média ou a neurose: o homem médio seria conformista e carente de criatividade e originalidade, e decorreria do predomínio do "medo da vida" e da negação do "medo da morte"; o contrário resultaria no indivíduo neurótico, isolado, inconformista.

A imagem da maturidade corresponderia a do artista criador — através de obra o homem imprimiria sua marca de vida e ultrapassaria a ansiedade de morte.

" Em tanto se trate de criações humanas, quer dizer de civilização no sentido mais estreito e mais amplo do termo, nos encontramos na presença de adaptações à realidade, completados pelo trabalho da imaginação. Mas estas adaptações, que começam por atos que têm fonte nos instintos biológicos, para chegar a manifestações ditadas pela consciência social, podem ser consideradas, se alguém se coloca no ponto de vista oposto, que é o da adaptação da realidade ao inconsciente, como o verdadeiro princípio que preside a evolução humana". (p. 103)

Concepções análogas às de "medo de vida" e "medo de morte" de Rank são as "culpa ontológica" e "ansiedade existencial" de Rollo May, respectivamente.

May se refere à vida como uma série de escolhas, através das quais o indivíduo evolui, muda, choca-se com o desconhecido, ou opta por permanecer no já conhecido.

" A tarefa e a possibilidade do ser humano é passar de sua situação original como parte não livre e não pensante da massa ... e passar pela experiência do despontar da auto-percepção, das crises de crescimento, das lutas, opções e evolução do familiar para o desconhecido, até alcançar uma consci-

ência mais ampla de si mesmo e assim uma liberdade e responsabilidade em níveis mais variados de discernimento, nos quais se integra progressivamente com os outros em amor e trabalho criativos de sua livre escolha". (1973 p. 228)

Na aptidão humana para examinar o passado e imaginar o futuro, constituiriam características principais da maturidade a autoconsciência, a individualidade, a liberdade, responsabilidade e a coragem para ser autêntico: coragem como qualidade interior de relacionar-se consigo mesmo, conhecer-se e buscar a realização.

Citando Goldstein, "a coragem, em última análise, nada mais é senão uma resposta afirmativa aos choques da existência, que precisamos suportar para atualizar nossa própria natureza", May afirma a qualidade de virtude necessária e fundamental de maturidade (187).

A liberdade a que se refere não contraria a idéia de determinação, obrigatoriamente, mas se revela no ajuste de vida de uma pessoa à sua realidade.

A realização de potencialidades como o amor, a sensibilidade ética, a verdade, a beleza, a dedicação aos ideais e mesmo a morte por eles, se necessária, constituiria o ser maturo. Estas qualidades ideais não seriam plenamente realizadas, mas constituiriam as metas psicológicas que dão significado ao desenvolvimento.

" O homem — o Dasein — é esse ser concreto que tem que dar-se conta de si mesmo e fazer-se responsável por seus atos se quer chegar a ser ele mesmo. E é também esse ser concreto que sabe que que em certo momento futuro já não será; é o ser que mantém sempre uma relação dialética com o não ser, com a morte". (1977, p. 63)

#### 4.5 - O Modelo Humanista de Rogers - Maturidade e Auto-Realização

O enfoque holista da teoria da personalidade de Carl Rogers está, centrado no desenvolvimento do "si mesmo" e a evolução da personalidade humana se faria a partir de uma necessidade essencial.

" Quisera afirmar...minha crença de que existe somente uma fonte central de energia no organismo humano, que esta constitui uma função do organismo total e não de alguma porção deste, e que corresponde de quem sabe conceptualizá-la como uma tendência à plenitude, à realização, à manutenção e ao aperfeiçoamento do organismo". (Rogers, 1963, op. cit. Frick, 1973, p. 169)

Sua teoria representa, em resumo, os pressupostos motivacionais de Angyal, Goldstein (esforço de base), Sullivam e Horney — a força motriz do desenvolvimento para a maturidade seria a vontade do individuo, que incluiria a luta consigo mesmo e com os obstáculos do ambiente, de crescer e auto-realizar-se. Maturidade e auto-realização seriam, pois, conceitos direcionais.

Citando Angyal, Rogers reafirma que:

" A vida é um acontecimento dinâmico, autônomo que tem lugar entre o organismo e o ambiente. O processo vital não tende apenas a preservar a vida, mas a transcender o status quo momentâneo do organismo, expandindo-se continuamente e impondo a sua determinação autônoma ao domínio sempre crescente dos acontecimentos. (Angyal, 1941, op. cit. Rogers 1974, p. 473)

A direção do desenvolvimento orgânico bem como a do psicológico seria assim, a da auto-realização. Esta representaria, a um nível psicológico, a tendência ativa e progressivamente mais complexa de todos os organismos para manterem-se, acrescentarem-se e reproduzirem-se. Um componente básico desta tendência realizadora



seria a necessidade de todos os organismos para estabelecer uma unidade organizada e coerente de funcionamento: a nível de desenvolvimento do si mesmo esta capacidade estaria representada pela compatibilidade com a experiência e a capacidade de experimentar as discrepâncias entre o si mesmo e a experiência real.

A harmonia si-mesmo-experiência constituiria um reflexo da congruência interna do organismo e nas diferentes etapas do desenvolvimento, mesmo na maturidade, não constitui um sistema estável mas descreve as prioridades sobre as quais se dão o crescimento e a evolução do organismo. Resulta daí uma concepção universal dos valores essenciais na teoria de Rogers.

" Creio que, quando o ser humano é interiormente livre para eleger o que valora profundamente, tende a valorar aqueles objetos, experiências e metas que contribuem para a sua própria sobrevivência, crescimento e desenvolvimento dos demais". (1964, p.166)

A personalidade madura não deve ser isolada ou antissocial, mas deve apresentar características tais como aceitação, respeito, admiração e tolerância. O desenvolvimento destas capacidades dependeriam da experiência social de um indivíduo, da aprovação incondicional que recebeu durante as etapas anteriores e a vivência de conflito e ansiedade, ao contrário da postura psicanalítica, decorreria das falhas da sociedade no apoio a pessoa em realização.

Rogers conclui que sua teoria

" Descreve o ponto final do desenvolvimento da personalidade como sendo uma congruência de base entre o campo fenomenológico da experiência e a estrutura conceitual do ego — uma situação que, se fosse atingida, representaria a libertação de qualquer tensão ou

ansiedade interna, mesmo potenciais, esse termo representaria o grau máximo de uma adaptação realisticamente orientada; significaria o estabelecimento de um sistema de valores individualizado, identificado em larga medida com o sistema de valores de qualquer outro membro da raça humana igualmente bem adaptado". (1974, p. 514)<sup>(5)</sup>

#### 4.6 - O Modelo Bio-Social de Maslow

Teórico motivacional, Maslow afirmou a subordinação do desenvolvimento da personalidade de um indivíduo a uma necessidade ou motivo supremo. Considera que a motivação humana funciona segundo uma hierarquia de necessidades instintóides (referência ao caráter instintóide das necessidades básicas) na seguinte ordem: as mais instintóides seriam as necessidades fisiológicas; a seguir estariam as de segurança, propriedade e amor; as necessidades de estima; e finalmente, mais independente, a necessidade de auto-realização. Esta hierarquia das necessidades ressalta o caráter de processo dirigido pela tendência positiva para o crescimento de toda evolução humana: o crescimento seria um compromisso com o futuro, um continuum de descobertas de novas direções onde emergiram novas totalidades e características pessoais até então desconhecidas. Maslow avalia e enfatiza mesmo o papel da resposta ambiental no desenvolvimento sadio ou patológico de um indivíduo.

(5) O conceito de self é nuclear na teoria de Rogers, corresponde à parte diferenciada do campo fenomenológico e consiste, basicamente no conjunto de percepções conscientes e valores da pessoa. Possui, entre outras funções a de estabelecer a interação organismo-meio, bem como a de manter a consistência, mesmo ao custo das distorções perceptivas.

" O único princípio holístico que vincula a multiplicidade dos motivos humanos é a tendência para uma nova e mais elevada necessidade por emergir, assim como as mais inferiores necessitam realizar-se sendo suficientemente gratificadas". (1962, p. 53)

O ápice da experiência e da integração humanas constituiria na satisfação da pessoa que realiza seus motivos de maneira plena, e por pessoas auto-realizadoras, podemos compreender aquelas que elegem para si e cuja vida reflete valores instintóides superiores.

Sobre a direção da tendência ou necessidade de crescimento e sua direção, Maslow sustenta que

"... podem ser sumarizados em geral como auto-realização, ou saúde psicológica ou maturação, e especificamente como crescimento na direção de cada um e todos os subaspectos de auto-realização. É dizer, o homem tem dentro de si uma pressão (entre outras pressões) - para unidade da personalidade, para expressividade espontânea, para completar-se para ver a verdade em vez de ser cego, para ser criativo para ser bom e muito mais. (1959, p. 126)

Um processo de "devenir" no desenvolvimento sadio de um indivíduo duraria toda a vida, transcenderia as necessidades mais fundamentais, incrementaria o crescimento e conduziria a maturidade. Com o processo de "ser" constituiria as duas dimensões essenciais da pessoa. Este estaria subordinado ao primeiro pois que as formas superiores de auto-realização, na direção de formas de "puro ser", têm como requisito o processo de devir e o impulso para o futuro.

Sobre as diferenças individuais, preferências entre as diversas formas de relação e realização, seriam originadas de dife

renças constitucionais, responsáveis também pela geração de valores culturais — cada cultura selecionaria por exploração, supressão, aprovação ou desaprovação, um pequeno segmento da extensão das possibilidades constitucionais humanas.

#### 4.7 - A Maturidade por Gordon Allport

Entre os autores que relacionam realização e perfeição na definição de desenvolvimento está Gordon Allport. A partir de uma distinção entre a natureza animal do homem ("funcionamento oportunista") e sua natureza humana ("funcionamento próprio"), Allport acredita que o desenvolvimento se faz de passagem do primeiro tipo de funcionamento para o segundo: do biologicamente definido, relacionado à sobrevivência física, para aquele que envolve o tornar-se si mesmo. A facilitação do ambiente seria fundamental para este processo e da qualidade desta relação resultaria a possibilidade de atingir a maturidade.

" Todos os critérios que resumimos indicam um ideal que raramente é atingido, e talvez nunca o seja. As personalidades mais fortes têm suas fraquezas e seus momentos de regressão; em grande parte, dependem de apoios ambientais para sua maturidade". (1973 p.354)

Allport supõe que os critérios de maturidade, enumerados por ele após amplo trabalho comparativo e pesquisa, não existem independentes uns aos outros, mas emergem da personalidade equilibrada ou auto-realizada. O número de seis, para ele, pode ser mesmo arbitrário mas "constituem um equilíbrio razoável entre distinções muito sutis ou muito grosseiras para nossos objetivos:

"A ampliação do sentido de eu" - critério que pressupõe a vivência de um grau significativo de autonomia funcional que pro

porciona ao indivíduo a capacidade de perceber, adaptar-se, interessar-se por algo diferente de seu próprio corpo e de suas necessidades. A maturidade progrediria no sentido em que a pessoa se afasta do egocentrismo, do encontro imediato do corpo, e amplia esta atenção e este amor, e se abre à outras fronteiras de participação.

"Relação afetiva do Eu com os Outros" - referência à capacidade de amar rica de intimismo e autenticidade. Intimismo significa a capacidade de tornar significativas as relações, o amor que diferente de possessivo, faz compartilhar com os outros.

A maturidade na capacidade de amar comportaria um instinto diferente daquele a serviço do sexo, dentro de um processo harmonioso de integração.

" A dificuldade parece estar na identificação quase exclusiva da motivação adulta com o impulso sexual. É possível admitir que esse impulso tão importante, se controlado de forma madura, pode harmonizar-se com a maturidade geral e reforçada, sem, ao mesmo tempo, reduzir todo o problema da maturidade à genitalidade". (p. 359)

"Segurança emocional (Auto-aceitação)" - a maturidade exige um desenvolvimento contínuo de segurança. Esta não tem sentido absoluto uma vez que o indivíduo não controla o tempo, muitos dos fenômenos da natureza e os acidentes em geral, mas à medida que o sentido do eu se amplia, a pessoa enfrenta novos e mais amplos riscos.

Fatores determinantes da segurança emocional seriam o "sentido de proporção" fruto de uma visão geral da vida que dá o possível controle das emoções e a "tolerância à frustração" — a pessoa madura deveria ser capaz de suportar a frustração e a censura a si mesma, se apropriado fazê-lo.

"Organização intelectual realista" - esta capacidade integraria a personalidade e capacitaria seu engajamento em tarefas. Não dependeria exclusivamente o QI de um indivíduo mas, o conhecimento de técnicas e habilidades para execução de tarefa em que se engaja é fundamental para a ampliação do eu, requisito de maturidade. Além do mais,

" Ser capaz de sustentar-se e sustentar sua família ... é uma exigência assustadora. Enfrentá-la sem pânico, sem auto-piedade, sem cair em comportamento defensivo, hostil ou de auto-engano, é um dos ácidos testes da maturidade". (p. 363)

"Auto-objetivação - Compreensão e Humor" - por compreensão Allport considera o auto-conhecimento que facilita à pessoa o seu amadurecimento e envolve a aceitação do que tem de positivo, bem como a responsabilidade do que é necessário desenvolver para aprimorar-se. Correlato da compreensão, o humor consistiria na capacidade de identificar-se e sentir-se feliz por aquilo que ama, inclusive a si, e propiciaria a melhor aceitação dos outros, de suas limitações, bem como das suas próprias.

"... a auto-compreensão e o humor andam juntos porque, fundamentalmente, constituem um fenômeno único - o fenômeno de objetivação do eu. O homem que tem o sentido mais completo de proporção quanto às suas qualidades e aos seus valores fundamentais tende a perceber em algumas situações, suas incoerências e seus absurdos". (367)

"A filosofia unificadora da vida" - além da compreensão e do humor, a maturidade exigiria uma clara compreensão do objetivo da vida. Lembrando os estudos de Charlotte Bühler e o conceito de "Beslimmung", Allport identificaria uma maior focalização do mundo externo pela pessoa madura. Esta filosofia, tradução de al

to grau de autonomia funcional dos motivos do indivíduo, deveria incluir a responsabilidade, a moral e a capacidade de orientar-se no mundo físico, até as necessidades e os limites econômicos da vida de um indivíduo, e mesmo a religião.

As concepções apresentadas representam basicamente duas tendências opostas: de influência humanista, enfatizam a auto-realização e a auto-atualização com acentuação das tendências criadoras e do valor simbólico das ações humanas; ou, diametralmente opostas, enfatizam o conflito, a predeterminação, a busca da satisfação de necessidades na forma de instintos psicofísicos para redução de tensão, e representam uma versão homeostática da maturidade.

Em ambas as posições observa-se um isolamento do homem das pressões ambientais em si mesmas, desvinculadas de uma interpretação de seus correlatos na dinâmica interna do indivíduo.

As diferentes propostas de caracterização de maturidade representam assim uma idealização, e alguns autores concordam mesmo que seus critérios não se aplicam aos indivíduos em geral — categorias máximas de um desenvolvimento ordenado, representariam claramente a tradição aristotélica de conceber o desenvolvimento.

A natureza sistêmica e complexa do Homem supõe não apenas a liberação da tensão e a realização do predeterminado, mas, também, a criação de tensão e a autodeterminação, que não podem, contudo, estar desvinculadas de sua interação com diversos outros sistemas.

De natureza bio-psico-cultural, a existência humana deve comportar o conflito, a crise e a mudança por toda sua evolução, e o que convencionou-se chamar maturidade não tem representado um tempo de estabilização das funções orgânicas e de maior aproveitamento e oportunidade de produtividade nos centros urbanos ocidentais.

Na complexidade do ser, de seu ambiente e de interação entre ambos reside a impossibilidade de conceituar um tempo ou uma qualidade de equilíbrio no desenvolvimento. Período marcado por grandes realizações e também por grandes perdas. (Bühler, 1977) ao estágio final da idade adulta, o tempo da Maturidade corresponderia um período de mudança e de crises.

" O homem que se realiza em homo sapiens é uma espécie juvenil e infantil; seu cérebro genial é débil sem o aparelho cultural ... É aqui que se completa a hominização, no inacabamento definitivo, radical e criador do homem". (Morin, 1979, p. 96)



## CONCLUSÃO

Pelo apresentado, conclui-se por uma inadequação das principais concepções de maturidade em Psicologia, bem como de grande parte dos pressupostos, alguns mesmo arcaicos, de seus modelos de desenvolvimento. Longe de representar um sistema complexo em evolução, tendem a representar "harmonia", "equilíbrio", ideais de perfeição ou consistência desvinculadas da realidade da existência nas imposições ambientais.

Não se trata de, como Foucault, afirmar que o estudo científico do homem representa a sua morte, ou de que a Psicologia do Desenvolvimento deva ater-se à verificação empírica nas delimitações de frações da experiência. Mas, somente um esforço interdisciplinar poderia dar conta das características e das potencialidades que caracterizam o ser e cuja manifestação representa produto e fator de complexidade.

Parece estar subjacente às principais abordagens do processo de evolução de um indivíduo humano um modelo eminentemente fisiológico, semelhante àquele que representa o crescimento, a diferenciação e o metabolismo de organismos exclusivamente biológicos: o processo dar-se-ia de forma intensa e ascendente nas primeiras etapas, estacionaria na maturidade e, finalmente, corresponderia a involução, decréscimo ou "desdesenvolvimento" até sua morte.

De natureza bio-psico-social, o indivíduo humano ativo e reativo, determinado e criador, não deve estar reduzido à explicação do funcionamento de sistemas exclusivamente biológicos, nem exaltado e coroado como categoria superior, desvinculada das reações mecanicistas e dos determinantes biológicos. A idéia de ser modelado por um ambiente imediato também não é a mais eficiente-criado e criador da cultura o homem representa uma dialética pre

determinação - pós-determinação onde se deve inserir, para maior complexidade, suas faculdades de autoconsciência e consciência do universo e do tempo.

A autoconsciência do homem não deve representar uma determinação idealista de um sujeito pensante, nem a Psicologia deve abastar-se de considerar o Homem como é, e transformá-lo num objeto de estudo, sujeito da explicação científica, sua própria au  
nê  
nc  
ia.

Os modelos aqui enfatizados refletem uma posição epistemológica mais ampla, no sentido de compreender os fatores e eventos da complexidade da existência do ser e de seu universo. O indiví  
duo humano é único como possuidor de capacidades tais como a Cons  
ci  
ên  
cia, o Simbolismo e a Cultura. Não é objetivo deste trabalho avaliar as possíveis relações entre estas três capacidades no de  
se  
nv  
olv  
im  
en  
to da espécie e do indivíduo, mas estas reforçam a im  
po  
rt  
ân  
cia de estar-se atento à singularidade da natureza bio-psi  
co  
-  
cu  
lt  
ur  
al do Homem. Neste sentido, a tese ortogenética de Wer-  
ner, exemplo de uma concepção organísmica do desenvolvimento, re  
pre  
se  
nta como poucas um esforço taxionômico e uma tentativa de ex  
pl  
ic  
it  
ar o processo em si, como se dá, e a complexidade que com-  
po  
rt  
a. Sua investigação, desde a embriologia animal, até os estu-  
dos comparados de diferentes organizações culturais, passando pe  
lo desenvolvimento do símbolo e da linguagem nos indivíduos huma-  
nos, representa um esforço por compreender o desenvolvimento de  
s  
is  
te  
mas complexos em sua interação com os demais sistemas compo-  
nen  
tes de seu universo.

A teoria da equilibração no desenvolvimento da inteligência, de Piaget, deve representar uma direção possível deste processo. Sua penetração, aceitação e mesmo a sua ênfase nos currículos de

Psicologia e Educação, refletem, de certo modo, sua adequação ao modelo deste desenvolvimento, como se dá, nas populações médias e favorecidas dos centros urbanos ocidentais. Estes caracterizar-se-iam pelo desenvolvimento da tecnologia e pela adoção, como valores, da "coerência", da "continuidade" e da "produção", em lugar do "conflito", da "ruptura" e da "criação". Neste sentido, as operações formais obedientes a uma lógica matemática constituem a direção do desenvolvimento de inteligência, no "cenário" do ambiente.

O modelo de Wallon representa uma proposta mais larga, que de certo modo inclui a de Piaget, pois que considera o desenvolvimento direcionado para as categorias lógico-formais como uma possibilidade entre as inúmeras que interessam aos diferentes sistemas culturais. Wallon enfatiza a determinação ambiental no desenvolvimento, não no sentido de uma reatividade no aqui-a-gora, mas numa complementariedade e dialética natureza-biológica-cultura, onde os interesses remotos de um sistema cultural, o ideal do futuro de seus componentes, se apresentam na forma dos valores que lhes são transmitidos desde os tempos mais remotos da formação de sua autoconsciência e os limites da realização de seu "potencial biológico" são demarcados pela qualidade material de seu ambiente e de sua estimulação.

Este estudo deve representar um esforço na direção da compreensão de que as mudanças que o Homem sofre ou realiza não devem estar, indiferentemente submetidas aos princípios de reatividade e determinação para garantia do equilíbrio e da adaptação atuais mas, também, representar criatividade e capacidade de existir na complexidade e se projetar no Tempo.

Esta condição justifica uma crítica às principais teorias

divulgadas neste século, no sentido de que mais e mais elas tendem a uma compartimentação dos temas de pesquisa, a bem de uma Psicologia Científica do Desenvolvimento: o Homem é estudado como um ente qualquer, como um objeto, e mesmo o estudo de seu desenvolvimento chega a constituir uma explicação de categorias, onde o infante é considerado uma categoria mais primitiva de ser, o adulto maduro uma categoria ideal das formas de existir no mundo, e o velho representa declínio, degeneração.

De um ponto de vista descritivo é importante que se dê a-  
tenção às definições e as propriedades fundamentais do ser, do processo e do ambiente em que se dão, para que se possa nortear uma efetiva compreensão do ser em desenvolvimento.

Sobre os critérios e técnicas utilizados, pode-se concluir, constituíam espécies de complexos de ideologias sociais, cujo objetivo é estabelecer, normatizar a relação indivíduo - prática social, e o ideal de conformismo e produção nestes sistemas sociais — o problema da maturidade para a Psicologia do Desenvolvimento estaria como o da Sanidade para a Psicopatologia e Prática Psiquiátrica.

Observando mais além, pode-se mesmo concluir, que não se trata de um problema de método de pesquisa ou de uma ideologia subjacente mas de indeterminação de métodos (importados das ciências da matéria) e de uma ideologia relacionada às conveniências sociais. Entre o indivíduo adulto, corriqueiro, normal e o indivíduo maduro, coerente e portador de uma filosofia de vida, encontramos o mesmo abismo, a mesma distância que vai do indivíduo normal ao indivíduo são. Suas definições constituem como que os registros de um pensamento aristotélico, categorial.

Qual o lugar da Psicologia do Desenvolvimento neste cená-

rio? Não é ciência das alterações do corpo, nem tampouco das alterações mágicas de um psiquismo -- elas não existem desvinculadas de um universo maior. Neste sentido, deve ser "a ciência do real humano, de sua ultrapassagem e de sua transcendência" (Japiassu, 1978), e tal projeto exige a consciência de saber, e a negação desse saber. Daí a necessidade de renunciar a muito do que dito, e de criarem-se possibilidades de discursar sobre o completo horizonte do Homem; e este deve, obrigatoriamente incluir a Natureza, a Consciência e a Cultura.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLPORT, G., Personalidade: Padrões e Desenvolvimento, São Paulo, EPU, 1973.
- ANDERSON, J. E.; Dynamics of Development: Systems in Process, in John Eliot Ed., Human Development and Cognitive Processes, Holt, Rinehart and Winston Inc., 1971, 38-55.
- ARIÈS, PHILIPPE; História Social da Criança e da Família, Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- AUSUBEL, DAVID, Historical Overview of Theoretical Trends, in John Eliot Ed., Human Development and Cognitive Processes, Maryland, Holt, Rinehart and Winston Inc., 1971, 12-37.
- BACHRACH, A. G. Fundamentos Experimentais de Psicologia Clínica São Paulo, Herder, 1972, 487-532.
- BALDWIN, ALFRED, Teorias do Desenvolvimento da Criança, São Paulo, Pioneira, 1973.
- BALTES, PAUL B., Life Span Developmental Psychology: Some Observations on History and Theory, San Francisco, American Psychological Association, 1977.
- BATTRO, A., Dicionário de Epistemologia Genética, Buenos Aires, Proteo, 1971.
- BERTALANFI, LUDWIG VON, Teoria Geral de Sistemas, Petrópolis, Vozes, 1977.
- \_\_\_\_\_, Robots, Men and Minds: Psychology in the Modern World, New York, George Braziller, 1967.
- \_\_\_\_\_, Teoria Geral dos Sistemas: Aplicação à Psicologia, in Teoria dos Sistemas, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1976, 1-20.
- \_\_\_\_\_, Human Values in a Changing World, in Abraham Maslow Ed., New Knowledge in Human Values, New York, Harper & Brothers, 1959, 65-74.

- BIAGGIO, A.M.B., Psicologia do Desenvolvimento, Petrópolis, Vozes, 1977.
- BUHLER, C., EKSTEIN, R., Dados Antrópológicos Resultantes de Pesquisa Bibliográfica, in Gadamer e Vogler Org., Homem em sua Existência Biológica, social e Cultural, Nova Antropologia; v.5, São Paulo, EPU, 1977.
- \_\_\_\_\_, The Course of Human Life: A Study of Goals in the Humanistic Perspective, New York, Springer, 1968.
- CALLOW, PETER, Life Cycles an Evolutionary Approach to the Physiology of Reproduction Development and Aging, London, Chapman and Hall, 1978.
- DE WITT, N., Organismic Concepts in Harris D. Ed, The Concept of Development, Mineapolis, University of Minnesota Press, 1967,
- ERIKSON, ERIK, Infância e Sociedade, Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- \_\_\_\_\_, Identidade Juventude e Crise, Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- FREUD, S., Three Essays on the Theory of Sexuality(1905), London, The Hogard Press Limited, 1975, vol.VII
- \_\_\_\_\_, Beyond the Principle of Pleasure(1919), London, The Hogard Preess Limited, 1975, vol. XVIII
- FRICK, WILLARD, Psicologia Humanista, Buenos Aires, Guadalupe, 1973.
- GESELL, A., The First Five Years of Life, A Guide to the Study of Preeschool Child, London, Methuen & Co, 1971.
- GOLDSTEIN, K., La Natureza Humana a la Luz de la Psicologia, Buenos Aires, Paidós, 1961.
- \_\_\_\_\_, La Structure de l'Organisme, Paris, Gallimard, 1961, 341-444.

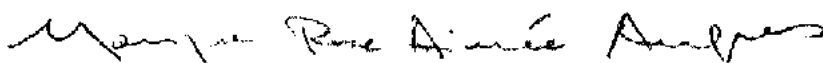
- \_\_\_\_\_, Health as Value, in A. Maslow Ed., New Knowledge in Human Values, New York, Harper & Brothers, 1959, 178-188.
- HILGARD, E., Teorias da Aprendizagem, São Paulo, EPU, 1975.
- HOLLOWAY JR., The Evolution of the Human Brain: Some Notes Toward a Synthesis Between Neural Structure and the Evolution of Complex Behavior, in The General Systems Yearbook of the Society for General Systems Research, Louisville, 1967, vol. XII, 3-19.
- HORNEY, K., A Personalidade Neurótica do Nosso Tempo, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1977.
- JAPIASSU, H., Nascimento e Morte das Ciências Humanas, Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- JASPERS, K., Psicopatologia Geral, Rio de Janeiro, Atheneu, Vol. II, 859-887.
- \_\_\_\_\_, Introdução ao Pensamento Filosófico, São Paulo, Cultrix, 1976.
- JUNG, G., O Eu e o Inconsciente (1934), Petrópolis, Vozes, 1978.
- KATZ, FRED, Indeterminacy in the Structure of Systems, in Behavioral Science, Journal of the Society for General Systems Research, Louisville, 1974, Vol. XIX, Nº 6, 394-403.
- LANGER, J., Theories of Development, New York, Holt, Rinehart and Winston Inc., 1969.
- LAZLO, ERVIN, The Systems View of the World: The Natural Philosophy of the New Developments in the Sciences, New York, George Braziller, 1972.
- MASLOW, A., Psychological Data and Value Theory, in A. Maslow Ed New Knowledge in Human Values, New York, Harper & Brothers Publishers, 1959, 119-136.




- \_\_\_\_\_, Toward a Psychology of Being, Princeton, D. Van Nostrand Company Inc., 1962.
- MAY, ROLLO, O Homem a Procura de Si Mesmo, Petrópolis, Vozes ; 1973.
- \_\_\_\_\_, Contribuciones a la Psicología Existencial, in Existence Nueva Dimension in Psiquiatria y Psicología, Madrid, Gredos, 1977.
- MILHOLLAND, F., FORISHA, B., Skinner x Rogers, Maneiras Contrastantes de Encarar a Educação, São Paulo, Summus, 1972.
- MILLER, J., The Nature of Living Systems, in Behavioral Science, Journal of the Society for General Systems Research, Louisiville, 1975, Vol. XX, nº6, 343-364.
- MORIN, EDGARD, O Enigma do Homem, Rio de Janeiro, Zahar, 1979.
- MUSS, ROLF, Teorias da Adolescência, Belo Horizonte, Interlivros, 1975.
- NAGEL, ERNEST, Development and Determinism, in Harris ., The Concept of Development, New York, 1967.
- PIAGET, JEAN, O Estruturalismo, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970
- \_\_\_\_\_, O Nascimento da Inteligência na Criança, Rio de Janeiro, Zahar, 1975.
- \_\_\_\_\_, Seis Estudos de Psicologia, Rio de Janeiro, Forense, 1973.
- \_\_\_\_\_, Biología y Conocimiento(1967), Buenos Aires, Siglo Vienteuno de Españã, 1973.
- \_\_\_\_\_, A Equilíbrio das Estruturas Cognitivas, Rio de Janeiro, Zahar, 1976.
- PIKUNAS, J., Desenvolvimento Humano, Uma Ciência Emergente, São Paulo, McGraw-Hill do Brasil, 1979.

- PRIGOGINE, I., La Thermodynamique de la Vie, in La Recherche, Paris, 1972, vol.3, 547-562.
- RANK, OTTO, El Trauma del Nacimiento, Buenos Aires, Paidós, 1972.
- ROGERS, CARL, Terapia Centrada no Paciente, Lisboa, Moraes Editora, 1974, 465-514.
- \_\_\_\_\_, Toward a modern Approach to Values: The Valuing Process in Mature Person, in Journal of Abnormal and Social Psychology, Nº 68, 1964.
- WALLON, HENRI, As Origens do Caráter na Criança, Os Prelúdios do Sentimento de Personalidade, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1971.
- \_\_\_\_\_, Les Origens de la Pensée chez l'Enfant, Paris, PUF, 1945.
- \_\_\_\_\_, Science de la Nature et Science de l'Homme: la Psychologie. Rev. de Synthèse, 1931, reed. Enfance, Paris, 3-4, 1959, 203-219.
- \_\_\_\_\_, De l'Experience Concrete a la Notion de Causalité et la Representacion-symbole. J. Psychol. Norm. Path., 1932 reed. Enfance, 1959, 3-4, 337-366.
- \_\_\_\_\_, Les Milieux, les Groups et la Psychogenése de l'Enfant. Cah. Intern. Soc., 1954, reed. Enfance, Paris, 1959; 3-4 287-296.
- \_\_\_\_\_, Importance du Mouvement dans le Développement Psychologique de l'Enfant. Enfance, 1956, reed Enfance, Paris, 1959, 3-4, 235-296.
- WERNER; HEINZ, Comparative Psychology of Mental Development, USA, Harper & Brothers Publishers, 1948, 3-142.

Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC/  
RJ, fazendo parte da Banca Examinadora os seguintes professo-  
res:



Monique R. A. Augras  
PUC/RJ - Dept? Psicologia

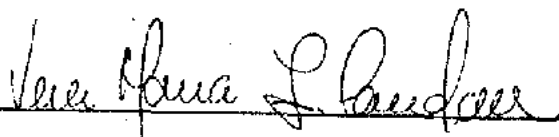


Charles A. Esbérard  
PUC/RJ - Dept? Psicologia



Eliezer Schneider  
Fundação Getúlio Vargas - RJ

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, 21 de Setembro de 1981



Vera Maria Ferrão Candau  
Coordenadora dos Programas de Pós-  
Graduação do Centro de Teologia e  
Ciências Humanas.